

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS PADRÕES ACENTUAIS DO INGLÊS E
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO PROCESSO DE NATIVIZAÇÃO DE TERMOS
TÉCNICOS DA ÁREA DE INFORMÁTICA

Maceió
2010

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS PADRÕES ACENTUAIS DO INGLÊS E
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO PROCESSO DE NATIVIZAÇÃO DE TERMOS
TÉCNICOS DA ÁREA DE INFORMÁTICA

Trabalho apresentado ao Programa de
Pós-graduação em Letras e Linguística
da Universidade Federal de Alagoas,
exigido como requisito para a obtenção
do grau de doutor.

Orientadora: Professora Dra. Januacele Francisca da Costa

Maceió
2010

**Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

C268u Cardoso, João Henrique da Costa.

Uma análise contrastiva entre os padrões acentuais do inglês e do português brasileiro no processo de nativização de termos técnicos da área de informática / João Henrique da Costa Cardoso. ó 2010.

119. f. : il.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa

Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) ó Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. 88-91.

Apêndices: f. 92-119.

1. Língua inglesa. 2. Língua portuguesa. 3. Nativização. 4. Sílabas. 5. Extratricidade. 6. Acentos e acentuação. I. Título

CDU: 801



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

Título do trabalho: "UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS PADRÕES ACENTUAIS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO PROCESSO DE NATIVIZAÇÃO DE TERMOS TÉCNICOS DA ÁREA DE INFORMÁTICA".

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (UFPE)



Profa. Dra. Leda Bisol (PUCRS)



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias (PPGLL/UFAL)

Maceió, 21 de outubro de 2010.

À minha querida filha
Isabelle, meu maior
tesouro, a quem eu tanto
amo, que me torna mais
feliz e me faz ser uma
pessoa melhor a cada dia
que passa, e ainda escreve
minhas dedicatórias.

“Toquem o meu coração
Façam a revolução”

(P. Ricardo/L. Schiavon)

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, professora Januacele da Costa, pelo apoio ao longo dessa caminhada. Agradeço também aos professores Aldir Santos e Jair Gomes, pela leitura e apreciação do trabalho para a qualificação e pela participação na banca examinadora, e às professoras Stella Telles e Leda Bisol, pela participação na banca examinadora. Agradeço ainda aos meus amigos George Chaves e Gabriela Sóstenes, pela ajuda na coleta e na transcrição dos dados. Por fim, agradeço ao PPGLL, pela oportunidade de realização dessa pesquisa, e aos informantes, sem os quais ela não teria sido realizada.

RESUMO

Este trabalho trata da questão da interferência que o sistema fonológico de uma língua nativa causa na pronúncia de termos de uma língua estrangeira que foram nativizados. Procura observar a interferência do sistema fonológico do Português Brasileiro, especificamente quanto ao padrão acentual, na pronúncia, por falantes nativos do Português, de termos do Inglês recortados do vocabulário técnico de informática. Seis informantes participaram da pesquisa, dois do sexo feminino (uma com formação de segundo grau e outra com formação de terceiro grau) e quatro do sexo masculino (dois com formação de segundo grau e dois com formação de terceiro grau). Eles leram um texto contendo as palavras do corpus, que foram transcritas para uma análise posterior. Para a análise dos fatos observados levaram-se em conta os pressupostos da fonologia métrica para explicar os fenômenos referentes ao contraste entre os padrões acentuais das duas línguas. Os resultados da pesquisa indicam que a interferência se dá pelo fato de elas possuírem diferentes padrões acentuais, especialmente quando a noção de extrametricidade é invocada pelo algoritmo de colocação do acento. Observou-se, ainda, que processos de ressilabificação pela inserção de uma vogal epentética [i] em sílabas das palavras estrangeiras que ferem as combinações fonotáticas do Português são recorrentes nas pronúncias de todos os informantes, independentemente do grau de contato desses falantes com o Inglês enquanto língua aprendida, o que acarreta mudança no padrão acentual.

Palavras-Chave: *Inglês, Português Brasileiro, nativização, sílaba, acento, extrametricidade.*

ABSTRACT

This work deals with the issue of nativization. That is to say we observe the interference caused by the phonological system of Brazilian Portuguese, especially about the stress, on the pronunciation, by native speakers of Portuguese, of some terms of English. The words in question were drawn out of the technical lexicon of Informatics and six people taken part in the research, by a reading of a text with the words drawn out. The description and specific analysis of the transfer of traits of the native system to the pronunciation of the loanwords, mostly to explain the differences between the two phonological inventories, is founded on the presuppositions and concepts of the Standard Generative Phonology and Autosegmental Phonology. When we refer to phenomena related to the syllabic structure and the stress pattern, the framework utilized is that of the Metrical Phonology.

Keywords: *English, Portuguese, nativization, syllable, stress, extrametricality.*

LEGENDA

/ /	indicação de fonema
[]	indicação de realização fonética
'	indicação de acentuação primária
,	indicação de acentuação secundária
C	consoante
V	vogal
G	glide
cons	consonantal
soan	soante
cor	coronal
dist	distribuído
arr	arredondado
cont	continuante
lat	lateral
nas	nasal
voz	vozeado
aprox	aproximante
ab	grau de abertura da boca
r	nó de raiz
x	marcador de unidade de tempo
*	marcador de posição na grade métrica, marcador de agramaticalidade

μ	mora
σ	sílaba
˘	sílaba leve
-	sílaba pesada
Σ	pé
O	onset
R	rima
N	núcleo
C	coda

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS FONOLÓGICOS.....	16
CAPÍTULO 2	
PADRÕES ACENTUAIS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS	23
2.1 FONOLOGIA MÉTRICA	23
2.1.1 ÁRVORES E GRADES MÉTRICAS.....	24
2.1.2 O PÉ MÉTRICO.....	26
2.1.3 TEORIA MÉTRICA PARAMÉTRICA	31
2.1.4 EXTRAMETRICIDADE	32
2.2 OS SISTEMAS ACENTUAIS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS.....	33
2.2.1 PADRÃO ACENTUAL DO INGLÊS.....	34
2.2.2 PADRÃO ACENTUAL DO PORTUGUÊS	42
CAPÍTULO 3	
ANÁLISE CONTRASTIVA DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DO PADRÃO ACENTUAL DO INGLÊS POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	50
CAPÍTULO 4	
RETOMANDO A DISCUSSÃO SOBRE INTERFERÊNCIA EM TERMOS DE SEGMENTOS, SÍLABA E ACENTO	71
4.1 INTERFERÊNCIA NO NÍVEL SEGMENTAL	71
4.2 INTERFERÊNCIA QUANTO AO PADRÃO SILÁBICO	82
4.3 INTERFERÊNCIA QUANTO AO PADRÃO ACENTUAL.....	82
CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE	92
DIAGRAMAS ARBÓREOS DOS SEGMENTOS DAS DUAS LÍNGUAS	107

INTRODUÇÃO

O modo como as línguas naturais organizam seus sistemas acentuais suscita muita discussão entre os estudiosos de fonologia. Pode-se dizer que o acento é uma característica do segmento ou há a necessidade de se fazer referência à sílaba na colocação do acento em uma palavra? As línguas acentuam nomes e verbos através de uma mesma regra? Questões como essas trazem à tona importantes discussões a respeito da colocação do acento nas diversas línguas do mundo.

Embora cada língua possua um algoritmo intrínseco de colocação do acento, há uma parametrização concernente à acentuação das palavras nas línguas de maneira geral (HAYES, 1995). Ao contrastar, neste trabalho, os padrões acentuais do Inglês e do Português, pretende-se analisar dados de fala, buscando contribuir para a evolução da teoria geral do acento.

O trabalho parte da ideia inicial de que falantes nativos do Português, independentemente do grau de contato que eles têm com o Inglês enquanto língua aprendida, ao pronunciarem palavras de origem inglesa, tendem a nativizar o padrão acentual do Inglês, que sofre influência do padrão acentual do Português. Cardoso (2005) mostra a interferência que o sistema fonológico do Português causa em palavras do Inglês que foram nativizadas especificamente quanto à diferença entre os inventários de fonemas e ao padrão silábico. Neste trabalho, a questão é estendida ao padrão acentual. No entanto, são analisados apenas aspectos relacionados ao acento no nível da palavra. E mais, somente o acento nos nomes será objeto de investigação.

O objetivo deste trabalho é, pois, comprovar a interferência do sistema fonológico do Português na pronúncia de palavras do Inglês que foram nativizadas, especialmente no tocante

à diferença dos padrões acentuais das duas línguas, mas retomando, também, aspectos relacionados aos segmentos e aos padrões silábicos.

O corpus, recortado do vocabulário técnico de informática, é composto por palavras de origem inglesa que são costumeiramente pronunciadas por falantes nativos do Português no dia a dia. Para tornar a pronúncia o mais natural possível, foi elaborado um texto (vide apêndice) contendo todas as palavras do corpus, que foi lido pelos informantes. Os dados foram gravados digitalmente em cabine acústica e transcritos, tomando-se por base os símbolos do International Phonetics Alphabet (IPA), para posterior análise.

Como o trabalho faz uma análise contrastiva entre as duas línguas, o ideal seria comparar a pronúncia dos falantes do Português que participaram da pesquisa com a de um falante nativo do Inglês. Infelizmente, não foi possível encontrar nenhum informante inglês disposto a colaborar com a pesquisa, de forma que a comparação se deu entre as pronúncias dos informantes brasileiros com a do RP¹, cuja transcrição fonêmica é encontrada em dicionários de Inglês.

Procurou-se selecionar os informantes de tal forma que houvesse falantes com muito, pouco ou nenhum contato com a língua inglesa. Como o trabalho não tem um cunho sociolinguístico, o que não exige uma grande quantidade de informantes nem de dados, foram selecionadas apenas 38 palavras e somente seis informantes participaram da pesquisa. A questão central do trabalho é tentar comprovar a recorrência dos fenômenos, que se dá pela interferência que o sistema fonológico do Português causa na pronúncia de palavras do Inglês, independentemente das palavras que são pronunciadas ou dos falantes que as estão produzindo.

¹ RP (Received Pronunciation) refere-se à pronúncia do inglês britânico baseada na norma culta inglesa, que é a fala da elite inglesa e o padrão ensinado nas escolas e utilizado pelos meios de comunicação.

Dentre os informantes, dois são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino. Três têm formação universitária e três têm formação de nível médio. Os informantes 1 e 2 são do sexo masculino e têm formação de nível médio. Os informantes 3 e 4 são do sexo masculino e têm formação de nível superior. Os informantes 5 e 6 são do sexo feminino, sendo que a informante 5 tem formação de nível médio e a informante 6 tem formação de nível superior. Apenas dois concluíram curso regular de inglês em escolas de línguas (informantes 4 e 6). Independentemente de um maior ou menor grau de contato dos informantes com o Inglês enquanto língua aprendida, observou-se que todos sofreram influência do sistema fonológico do Português na realização das palavras do Inglês contidas no corpus.

Deve-se ressaltar que não é o escopo deste trabalho analisar quaisquer questões sobre a aprendizagem do Inglês como segunda língua, mas tão somente verificar a interferência que o sistema fonológico do Português causa na pronúncia, por falantes nativos do Português, de palavras do Inglês que foram nativizadas, especialmente no tocante ao padrão acentual, mas fazendo-se referência também aos segmentos e ao padrão silábico. Não se descarta, porém, a possibilidade de que as conclusões obtidas aqui possam ser usadas como suporte no processo ensino-aprendizagem em salas de aula de língua inglesa enquanto segunda língua.

Os pressupostos teóricos adotados são de base gerativa (linear e não linear), embora conceitos da fonêmica tradicional também sejam utilizados ao longo do trabalho. Todavia, não há impasse teórico ao se abordar uma e outra corrente, uma vez que, na construção do conhecimento, pode haver uma complementação de abordagens ou correntes teóricas.

Apesar de os processos fonológicos observados nas línguas de todo o mundo serem extremamente complexos e carecerem de explicações às vezes conseguidas apenas com teorias fonológicas de base gerativa, pode-se, também, observá-los sob uma ótica estrutural clássica.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro traz um breve histórico da evolução dos estudos fonológicos, desde os pressupostos básicos estabelecidos por Saussure no *Cours de Linguistique Générale* (CLG) até correntes modernas da fonologia gerativa não linear, como a teoria métrica e a autossegmental.

O segundo capítulo apresenta um estudo contrastivo entre os padrões acentuais das duas línguas. No terceiro capítulo, realiza-se a análise do corpus, baseando-se nos conceitos teóricos apresentados nos capítulos precedentes. O quarto capítulo apresenta regras que tentam generalizar os fenômenos de nativização verificados no corpus. Aspectos metodológicos são apresentados nesta introdução.

No apêndice, além do texto usado para a gravação dos informantes, são encontradas as transcrições fonéticas dos informantes (cuja representação se dá entre colchetes, como, por exemplo, ['wohdi]), bem como a transcrição fonêmica padrão (cuja representação se dá entre barras inclinadas, como, por exemplo, /wɜ:d/)², obtida no dicionário *Oxford Word Power Dictionary*. São expostos, ainda, os diagramas arbóreos, baseados na Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), de todos os segmentos das duas línguas.

² Spencer (1996, p. 50) sugere a utilização de duas barras inclinadas para representar formas subjacentes (como, por exemplo, //wɜ:d//), com o objetivo de distinguir a representação fonêmica tradicional de uma representação de base gerativa, uma vez que a forma subjacente é muito mais complexa do que a noção tradicional de fonema. Em determinados processos fonológicos, contudo, ele faz uso da representação com apenas uma barra para se referir a uma forma intermediária num dado estágio de uma derivação. Neste trabalho, entretanto, será usada a notação com apenas uma barra inclinada para representar a transcrição padrão.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS FONOLÓGICOS

Estima-se que existam mais de 5000 línguas no mundo. Só no Brasil, são mais de 200. Apesar da diversidade de línguas naturais existentes no planeta, pouco mais de uma centena de sons já foram atestados empiricamente e são, de fato, realizáveis articulatoriamente pelo ser humano. Assim como no caso dos números e das notas musicais, em que, a partir de uma quantidade limitada de algarismos ou notas, pode-se conseguir uma infinidade de números ou de arranjos musicais, com um número finito de articulações produzidas pelo aparato vocal, pode-se atingir uma grande variedade de sons. Observa-se, entretanto, que apenas alguns sons produzidos pelo aparelho fonador são, de fato, usados como elementos linguísticos.

A despeito de o aparato vocal humano não ter, a princípio, a função de órgão de fala, com o passar do tempo, o homem, que usava, basicamente, boca, língua, dentes, nariz etc. para se alimentar e respirar, passou a usar essa estrutura para se comunicar. Infelizmente, os estudos dos sons da fala não evoluíram na mesma velocidade com que a linguagem verbal humana o fez.

Ao menos de forma metódica e científica, Ferdinand de Saussure, no início do século XX, em sua clássica obra *Curso de Linguística Geral* (1916), foi quem primeiro abordou o tema. Como a obra de Saussure é, por assim dizer, o pilar da teoria linguística moderna, ao menos reconhecidamente para o ocidente, sua inserção na fonética e na fonologia é, além de incipiente, um tanto quanto confusa.

Pelo fato de o tópico linguístico que aborda os sons da fala sequer existir como cátedra à época do lançamento do CLG, e diante de todo o mistério que cerca o lançamento da obra, que foi editada por dois ex-alunos de Saussure após sua morte, é perfeitamente compreensível

tamanha obscuridade na parte do CLG em que os autores discorrem sobre fonética e fonologia. Como a nomenclatura ainda não estava consolidada, a distinção hoje cristalizada entre fonética e fonologia não está tão clara assim no CLG, como se percebe pelo extrato seguinte: “Longe de se confundir, esses dois estudos (fonética e fonologia) nem sequer podem ser postos em oposição. O primeiro é uma das partes essenciais da ciência da língua; a fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala” (SAUSSURE, 2005, p. 43).

Hoje, passados quase cem anos do lançamento da obra e com os estudos em fonologia sedimentados, pode-se inferir uma estreita relação entre o par dicotômico língua x fala, base da teoria geral dos signos de Ferdinand de Saussure, e o par fonologia x fonética. Pode-se dizer que a fonologia relaciona-se à língua por definir um sistema sonoro compartilhado por todos os falantes de uma dada comunidade, assim como a fonética relaciona-se à fala por expressar as particularidades de fala de cada indivíduo dessa comunidade.

Outra contradição entre a terminologia saussuriana e a que passou a ser usada por outros teóricos está no termo fonema, que, para Saussure, é um som de fala concreto, produzido e percebido em tempo real nos atos de fala. Segundo Anderson (1985, pp. 37-38), de todas as divergências entre a terminologia de Saussure e a de outros escritores que o seguiram, essa é a que causa maior desentendimento. Enquanto fonólogos posteriores passaram a usar o termo fonema para designar um elemento especificamente distintivo, Saussure, ao contrário, usa a palavra fonema simplesmente como um som de fala, sem a conotação de caráter distintivo, como comumente se emprega hoje em dia.

Apesar de todas as confusões entre a terminologia (e os conceitos relacionados) saussuriana sobre questões ligadas à fonética e à fonologia e a que se seguiu após o CLG, um ponto enfatizado por Saussure parece ser pacífico mesmo nos dias de hoje: a necessidade de se separar a escrita alfabética do estudo dos sons de uma dada língua. Para ele, “desapegar-se

da letra constitui o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporciona o apoio que buscamos” (SAUSSURE, 2005, p. 42).

As questões sobre fonética e fonologia só ganhariam força e destaque nos estudos linguísticos com o Círculo Linguístico de Praga (CLP), especialmente com as obras de Jakobson e Trubetzkoy. A partir dos estudos do CLP, a nomenclatura comumente usada hoje em dia começou a se consolidar. De acordo com os teóricos do CLP, para se estudar a língua do seu ponto de vista estrutural, era necessário observar a sistematicidade e as recorrências dos processos, de tal modo que as questões fonéticas foram colocadas em segundo plano, em detrimento de um estudo funcional e distribucional dos fenômenos envolvendo os sons linguisticamente relevantes produzidos pelo aparelho fonador, fato só conseguido através de estudos sobre aspectos fonológicos. Para Trubetzkoy (apud LOPES, 1975), “em contraste com a fonética, que é uma ciência da natureza e diz respeito aos sons da voz humana, a fonologia tem por objeto os fonemas das línguas humanas”.

Dessa forma, um dos objetivos do CLP era definir os inventários de fonemas das diversas línguas naturais. Embora tendo consciência que um determinado som pudesse ser realizado de modo diferente por diferentes membros de uma dada comunidade de fala, para os teóricos do CLP, havia algo abstrato que fazia com que esses falantes conseguissem se comunicar, apesar das aparentes diferenças em suas realizações. A ideia de fonema como elemento significativo na língua surgiu como uma necessidade de se criar uma unidade na diversidade, permitindo que os fenômenos relacionados aos sons produzidos pelo aparelho fonador pudessem ser vistos não apenas do ponto de vista de sua composição física, mas – o que era mais importante para eles – também do ponto de vista relacional dentro do sistema linguístico.

Procurou-se, então, classificar os sons das línguas naturais a partir de suas relações com outros sons dentro do sistema. Por exemplo, o som [b], que numa visão fonêmica

clássica é definido como oclusivo bilabial, é também definido como sonoro, em oposição a sua contraparte surda, o som [p].

Um marco para os estudos fonológicos é a obra *The Sound Pattern of English* (SPE), de Chomsky e Halle, lançada em 1968. A reboque da teoria linguística de base gerativa, a obra marca uma virada nos estudos fonológicos. Até então, os estudos sobre os sons da fala, em geral baseados no CLP, eram de base acústica. Com o SPE, os estudos passam a ter um caráter mais articulatorio, cujo objetivo é verificar como o ser humano usa seu aparelho fonador para articular os sons foneticamente relevantes para a comunicação.

Se no CLP o objetivo era, basicamente, descrever os pontos e os modos de articulação dos sons, e a ênfase era dada a um conjunto de traços acústicos, no SPE, os sons são definidos por uma família de traços de cunho articulatorio. Pode-se dizer que o SPE é um divisor de águas nos estudos de fonologia. Ainda que considere o fonema (ou segmento, numa nova nomenclatura) como elemento atômico na segmentação da língua, dá mais ênfase aos traços que o compõem.

Numa perspectiva gerativa, a classificação de um som é, pois, determinada por meio de uma matriz de traços, que o diferencia de outros sons da língua. Os sons [b] e [p], por exemplo, definidos há pouco numa visão fonêmica, seriam assim representados por meio dos traços distintivos propostos por Chomsky e Halle:

[b]

[p]

[+ cons
- soan
- cor
+ dist
+ arr
- cont
- lat
- nas
+ **VOZ**]

[+ cons
- soan
- cor
+ dist
+ arr
- cont
- lat
- nas
- **VOZ**]

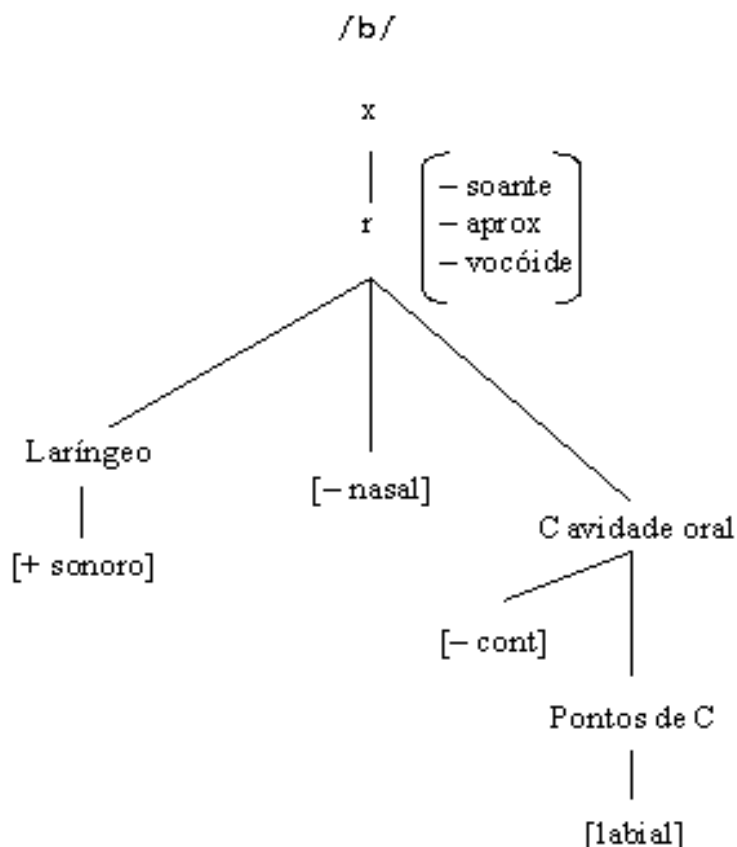
Outro ponto marcante no SPE é a proposição de dois níveis de representação, um subjacente, que estaria relacionado ao conhecimento linguístico internalizado que o falante tem de sua língua, e outro de superfície, que reflete o comportamento da língua em situações concretas de fala. Ao estabelecer dois níveis de representação, os gerativistas acabam por derrubar a condição de linearidade estabelecida pelo estruturalismo, em que a sequência de fonemas na representação fonêmica deveria ser igual à de fones na representação fonética. No modelo gerativo, a relação entre a representação fonológica e a produção fonética é muito mais abstrata e se dá por meio de regras, que inserem, apagam ou mudam sons em determinados contextos.

A partir da década de 1970, ganham força os estudos, baseados na fonologia gerativa, ditos não lineares. Inicialmente propostos por Goldsmith na descrição de línguas tonais, rapidamente são estendidos a línguas segmentais. O traço, até então pensado como intrinsecamente preso ao segmento, ganha autonomia, tornando-se o elemento atômico da fonologia.

Muitas são as línguas que exemplificam, através de processos fonológicos, o fato de um determinado traço se desprender de um dado segmento ao qual estava preso e se ligar a

outro. O espriamento de traços mostra que eles necessariamente não estão presos a um dado segmento, mas que podem “flutuar”, ligando-se posteriormente a outro segmento da sequência.

Por considerar o segmento como tendo, por assim dizer, vida própria, os modelos gerativos não lineares são chamados de autosegmentais. O modelo usado neste trabalho é o da geometria de traços, proposto por Clements & Hume, em 1995. Nessa geometria, os segmentos são representados com uma organização interna, através de nós hierarquicamente organizados, formando um diagrama arbóreo. De acordo com esse modelo, o som [b], por exemplo, seria assim representado:



A partir da consolidação dos modelos teóricos não lineares, ganham força nos estudos fonológicos novas questões relacionadas à sílaba e ao acento. A fonologia métrica, baseando-se na concepção hierárquica das estruturas linguísticas, permitiu uma nova representação da sílaba e uma análise adequada do acento, tratadas detalhadamente no decorrer deste trabalho.

Com a evolução tecnológica das últimas décadas, e a possibilidade de utilização de recursos da área de informática nos estudos linguísticos, trabalhos em fonética, especialmente acústica, voltam a ter destaque. Diante de tantos processos que ocorrem nas línguas naturais e são explicados pela fonologia, parece haver um novo interesse em justificar as análises a partir de dados concretos de fala, por meio de programas de computador que manipulam os dados tanto qualitativa quanto quantitativamente e conferem um status mais verossimilhante às descobertas.

Vale salientar, no entanto, que este trabalho é de cunho fonológico e as análises, embora realizadas a partir de dados de fala gravados digitalmente, são feitas com base em explicações fonológicas e em intuições do próprio autor, que, embora linguista, é, antes de tudo, falante nativo do Português Brasileiro.

CAPÍTULO 2

PADRÕES ACENTUAIS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, com o objetivo de se fazer uma análise contrastiva entre os padrões acentuais das duas línguas, são apresentadas as características dos modelos de acentuação do Inglês e do Português Brasileiro, de modo que se possa fazer a análise dos dados no capítulo final com base na interferência que o padrão acentual da língua nativa exerce sobre o da língua estrangeira. Inicialmente, são introduzidos alguns conceitos básicos sobre a teoria métrica do acento, os quais serão importantes para a compreensão da construção do algoritmo de colocação do acento nas duas línguas.

2.1 Fonologia Métrica

A fonologia métrica considera o acento uma propriedade da sílaba e não de um segmento, como ocorre no modelo gerativo, em que o acento é considerado uma propriedade dos segmentos vocálicos, que podem receber o traço [\pm acento]. Ou seja, segundo a fonologia métrica, “o acento tem caráter relacional: ele não é um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre a sílaba, o pé métrico e a palavra fonológica” (HERNANDORENA, 2001, p. 79). As línguas podem apresentar um acento primário, que é o acento mais forte de uma palavra (ex.: casa / ¹kaza/), e um secundário, que é o acento relativamente menos forte que o acento primário de uma palavra (ex.: alfabeto / ₁awfa ¹betu/, em que a sílaba *be* recebe o acento primário e a sílaba *al*, o secundário)³, assim como podem apresentar um

³ Neste trabalho, no entanto, apenas o acento primário estará sendo investigado.

mesmo algoritmo de colocação do acento para nomes e verbos, ou algoritmos distintos, a depender da classe gramatical da palavra.

2.1.1 Árvores e grades métricas

A relação hierárquica entre a sílaba (σ), o pé (Σ) e a palavra fonológica (ω) pode ser representada por um diagrama arbóreo, como ilustrado abaixo.

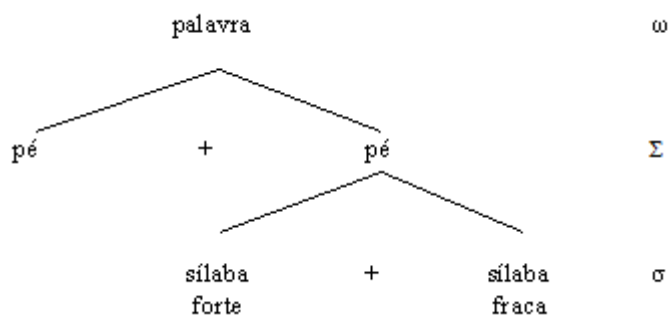


Diagrama 2.1: Árvore métrica

Liberman e Prince (1977, In GOLDSMITH, 1999) foram os precursores da proposta de análise do acento como uma proeminência relativa decorrente de uma estrutura hierárquica. Para a atribuição do acento com base na relação entre constituintes prosódicos, eles utilizam uma árvore que é estabelecida a partir de sílabas que formam pés, sempre binários, rotulados de forte (**s**, do inglês *strong*) e fraco (**w**, do inglês *weak*). Um exemplo para a palavra do Inglês *academic* é mostrado a seguir.

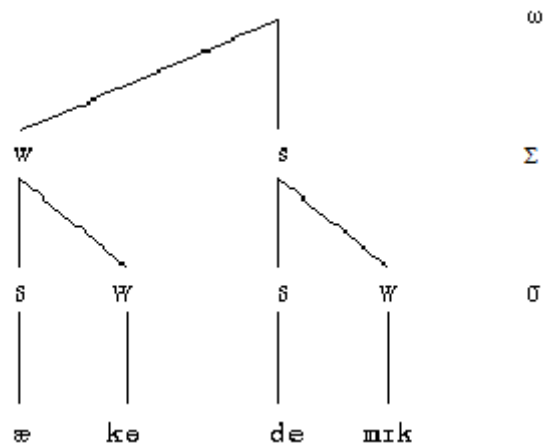


Diagrama 2.2: Exemplo de árvore métrica

Neste exemplo, percebe-se que, na primeira camada⁴ (σ), os constituintes são agrupados de tal forma que o elemento à esquerda é o mais forte. Já na segunda camada (Σ), os constituintes são organizados com o elemento proeminente à direita. O acento é atribuído à sílaba *de*, por ser a única dominada exclusivamente por nós fortes.

Liberman e Prince (1977, apud SPENCER, 1996, p. 258) sugerem também um modo mais simples e direto de representar a estrutura rítmica global de um enunciado. Isso é feito pela construção de uma grade a partir da árvore. Essa grade consiste de uma série de linhas contendo marcadores (x's) acima das unidades consideradas proeminentes na árvore, como mostrado abaixo, tomando-se o mesmo exemplo da palavra do Inglês *academic*.

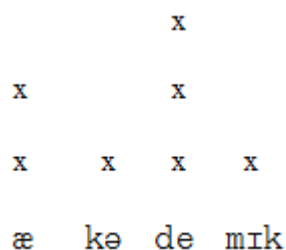


Diagrama 2.3: Exemplo de grade métrica

⁴ Considerando-se a construção da árvore de baixo para cima (*bottom-up*).

Observe que, neste caso, a sílaba acentuada *de* é identificada pela ocorrência de uma quantidade maior de marcadores (x's) em sua coluna.

Os estudos que se seguiram a Liberman e Prince procuraram adotar a representação de grade. No modelo de Halle e Vergnaud (1987, apud SPENCER, 1996, p. 261), a grade é enriquecida pela informação sobre a estrutura de constituintes, cujos limites são indicados por parênteses (aqui os marcadores são indicados por asteriscos ao invés de x's). Uma vez mais, o exemplo da palavra do Inglês *academic* é dado abaixo.

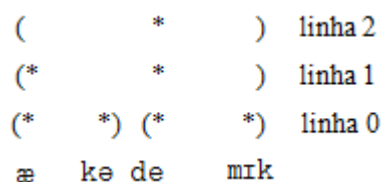


Diagrama 2.4: Exemplo de grade métrica com delimitação de constituintes

Para a construção da grade métrica mostrada acima, na linha 0, indica-se cada posição de sílaba por meio de um asterisco, formando-se os constituintes através dos parênteses. Na linha 1, apenas os núcleos de constituintes (isto é, os elementos mais proeminentes) recebem um asterisco no espaço correspondente. Na linha 2, apenas o núcleo de toda a sequência recebe um asterisco. Note, mais uma vez, que a sílaba acentuada *de* é identificada pela ocorrência de uma quantidade maior de marcadores (*'s) em sua coluna.

2.1.2 O pé métrico

Como visto acima, na colocação do acento, as línguas organizam as sílabas em unidades maiores, chamadas de pés. Segundo Spencer (1996, p. 243), o pé é uma unidade rítmica que consiste exatamente de uma sílaba acentuada mais (possivelmente) um grupo de

uma ou mais sílabas não acentuadas. O ponto crucial na definição do pé é que ele possui exatamente *um* acento – nem mais nem menos. Segundo Katamba (1989, p. 229), os pés podem ser presos, em que uma sílaba funciona como núcleo e governa a sílaba que a precede ou a segue, ou livres, em que a sílaba núcleo governa não apenas uma sílaba adjacente, mas todas as sílabas que a precedem ou seguem.

Como o acento de uma palavra é um suprasegmento que se relaciona com o pé métrico, que, por sua vez, é um agrupamento de sílabas, as quais são formadas pela combinação de segmentos, em línguas sensíveis ao peso silábico, o algoritmo de colocação do acento em uma palavra está intrinsecamente ligado aos tipos de sílabas que a compõem, ou seja, ele depende do peso silábico.

Para se determinar o peso de uma sílaba, deve-se levar em consideração sua estrutura interna. A sílaba se divide em Onset (O) e Rima (R), que, por sua vez, é constituída por um Núcleo (N) e uma Coda (C), como ilustra o diagrama abaixo.

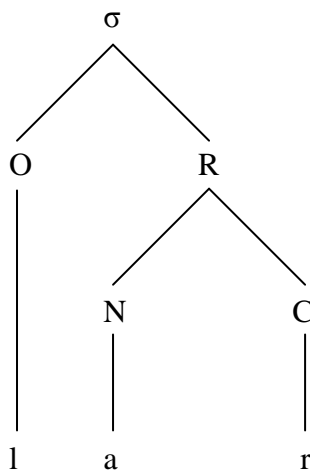


Diagrama 2.5: Representação da Estrutura Silábica na Fonologia Métrica

O que se tem observado nas mais variadas línguas do mundo é que apenas a rima é levada em consideração para se determinar o peso da sílaba. Segundo Roca e Johnson (1999,

p. 362), nas sílabas bem formadas do Inglês *gre* e *gen* (que ocorrem, respectivamente, nas palavras *ággregate* e *agénda*, por exemplo) há o mesmo número de posições esqueléticas (ou unidades de tempo), como mostram os diagramas abaixo, mas apenas *gen* se comporta como uma sílaba pesada, portadora de acento.

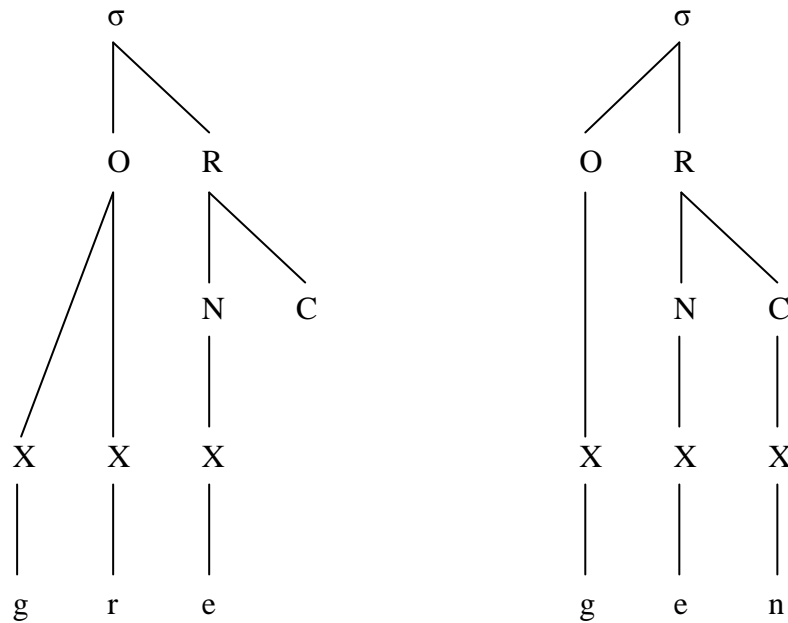


Diagrama 2.6: Mesmo número de posições esqueléticas (X) em ambas as sílabas

Ou seja, segundo os autores, pode-se relacionar o peso silábico ao número de posições esqueléticas que ocorrem na rima: “uma sílaba será pesada se, e somente se, sua rima possuir mais de uma posição esquelética”⁵ (ROCA e JOHNSON, 1999, p. 363), como visto abaixo.

⁵ “A syllable will be heavy if and only if its rime contains more than one skeletal slot.”

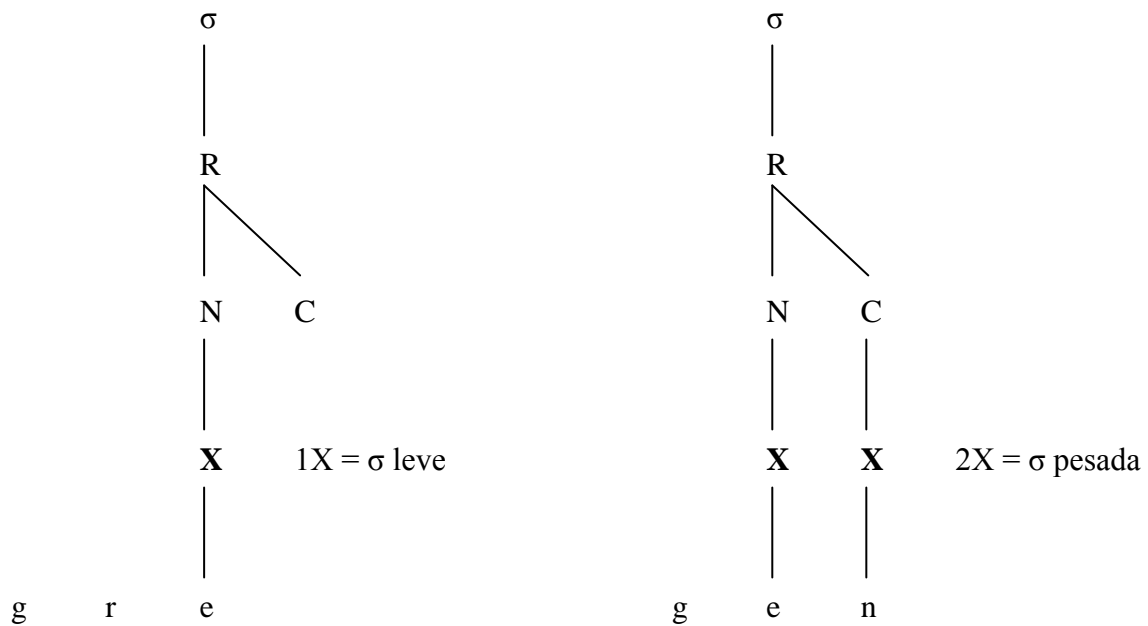


Diagrama 2.7: Determinação do peso silábico de acordo com as posições esqueléticas da rima

Dessa forma, sílabas que possuem rimas ramificadas (contendo uma vogal longa ou um ditongo no núcleo ou, ainda, uma consoante na coda) são consideradas pesadas, ao passo que sílabas com rimas sem ramificação são consideradas leves. E o peso silábico afeta o algoritmo de colocação do acento nas palavras do Inglês e do Português Brasileiro, como se verá a seguir.

Ainda segundo Roca e Johnson (op. cit., p. 363), na abordagem métrica do acento, as posições esqueléticas (X) são chamadas de moras (termo emprestado da poesia clássica) e representadas pela letra grega “μ”, como ilustrado abaixo.

dito degenerado. Há línguas que admitem pés degenerados, outras não. É o critério do pé degenerado que explica a acentuação dos monossílabos tônicos no Português Brasileiro, como ilustram os exemplos abaixo.

pá / 'pa/ *pé* / 'pɛ/ *pó* / 'pɔ/ *mi* / 'mi/ *nu* / 'nu/
 σ σ σ σ σ

2.1.3 Teoria métrica paramétrica

Para Hayes, uma noção crucial para os estudos métricos é a idéia de parametrização da teoria. “Numa teoria paramétrica, um sistema de regras está relacionado à escolha particular de uma lista limitada de opções, ou parâmetros”⁶ (HAYES, 1995, p. 55), como mostrado a seguir.

a. Escolha do tipo de pé

- | | |
|--------------------------------|--|
| i. Tamanho | Máximo unitário/binário/ternário/livre |
| ii. Sensibilidade à quantidade | Sílabas pesadas (podem/ou não) ocorrer na posição fraca de um pé |
| iii. Rótulo | Os pés têm proeminência (inicial/final) |
| iv. Ramificação obrigatória | O núcleo de um pé (deve/ou não) ser uma sílaba pesada |

b. Direção de segmentação Da esquerda para direita/da direita para esquerda

c. Iteratividade A construção do pé é (iterativa/não iterativa)

d. Localização Cria uma nova camada métrica/se aplica sobre uma camada existente

⁶ “In a parametric theory, a rule system is regarded as a particular choice from a limited list of options, or parameters.”

2.1.4 Extrametricidade

Em muitas línguas, as sílabas nas margens das palavras são ignoradas pelas regras de colocação do acento. Essas sílabas são consideradas extramétricas e são completamente invisíveis para as regras de acentuação. A extrametricidade explica por que em determinadas línguas o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima. Nessas línguas, a última sílaba não é vista pelo algoritmo que coloca o acento na penúltima ou na antepenúltima sílaba. Swahili (cf. KATAMBA, 1989, p. 231) é um exemplo de uma língua que considera a última sílaba como extramétrica e acentua a penúltima sílaba da palavra, como ilustram os exemplos abaixo (a sílaba extramétrica final é colocada entre colchetes angulados).

pí<ga> pigá<na> piganí<sha> tutawapí<ga>

Enquanto em Swahili, que tem o acento principal na penúltima sílaba, é a sílaba final da palavra que é extramétrica, na língua nativa americana Dakota, cujo acento principal cai na segunda sílaba da palavra, é a primeira sílaba que é extramétrica (KATAMBA, op. cit., p. 231).

A restrição quanto à ocorrência de sílabas extramétricas apenas nas margens da palavra (Condição de Perifericidade) pode ser verificada pela adição de um determinado sufixo à forma base. Por exemplo, se a sílaba final de uma determinada palavra for considerada extramétrica pelo algoritmo de colocação do acento, depois que um dado sufixo é adicionado, ela deixa de ser extramétrica (pois não ocorrerá mais no final da palavra) e torna-se visível de novo para regras de acentuação. O efeito dessa condição pode ser visto no Polonês (cf. KENSTOWICZ, 1994, p. 580).

- | | |
|-----------------|---------------------|
| a) uniwersytet | nominativo singular |
| b) uniwersytéta | genitivo singular |
| c) uniwersytétu | dativo singular |

A palavra *uniwersytet* ‘universidade’ tem acento excepcional na antepenúltima sílaba (o acento no polonês normalmente cai na penúltima sílaba), o que pode ser explicado pela extrametricidade da última sílaba (*tet*) da palavra. No entanto, ao ser acrescentado o sufixo flexional (*a, u*), esta sílaba não é mais periférica e deixa de ser extramétrica, tornando-se visível para a regra de colocação do acento.

2.2 Os sistemas acentuais do Inglês e do Português

Na sequência, são apresentados os sistemas de acento das duas línguas, com o objetivo de se fazer uma análise contrastiva entre eles.

Quanto ao acento e ao ritmo, as línguas são classificadas em *syllable-timed* e *stress-timed*. O Francês e o Português são exemplos de línguas do tipo *syllable-timed*, enquanto o Russo e o Inglês são exemplos de línguas *stress-timed* (SCHUTZ, 2002).

Em línguas do tipo *syllable-timed*, como o Português, a sílaba é a unidade que imprime o ritmo da fala e cada sílaba é pronunciada numa fração de tempo de duração semelhante. Portanto, o tempo necessário para pronunciar uma palavra ou frase em Português depende diretamente do número total de sílabas (*idem*).

Em línguas do tipo *stress-timed*, como o Inglês, o ritmo da fala é marcado por sílabas tônicas. Sequências de sílabas átonas tendem a ficar comprimidas e aglutinadas. Dessa forma, o tempo que se leva para pronunciar uma palavra ou frase em Inglês depende do número de sílabas tônicas e não do número total de sílabas (*ibidem*).

2.2.1 Padrão acentual do Inglês

Para Katamba (1989, p. 234), o sistema de acento do Inglês é extremamente complexo. Spencer (1996, p. 265) afirma que o Inglês tem um sistema de acento que, além de depender de aspectos morfológicos, em parte segue regras fonológicas e em parte é idiossincrático. No entanto, é possível fazer generalizações concernentes aos padrões acentuais das palavras no Inglês.

Segundo Roach (1983, p. 88), para decidir onde colocar o acento numa palavra do Inglês, é necessário fazer uso das seguintes informações:

- i) Se a palavra é morfológicamente simples ou se ela é complexa – resultante da adição de afixos (prefixos ou sufixos) ou uma palavra composta.
- ii) A categoria gramatical à qual a palavra pertence (nome, verbo, adjetivo etc.).
- iii) O número de sílabas da palavra.
- iv) A estrutura fonológica dessas sílabas.

Quanto à parametrização proposta por Hayes (1995), observa-se que o algoritmo de colocação do acento nas palavras do Inglês conta as sílabas da direita para esquerda, constrói pés com núcleo à esquerda e leva em consideração (ou não) o peso silábico, além de invocar (ou não) a noção de extrametricidade, a depender da classe gramatical da palavra. Ou seja, o sistema de acento do Inglês é constituído por troqueus (moraicos ou silábicos).

Roca e Johnson (1999, p. 334), seguindo o modelo paramétrico de Hayes e a representação de grades métricas, ilustram o algoritmo de colocação do acento primário nos nomes do Inglês com a palavra *asparagus*, como pode ser visto abaixo.

1. Entre com a forma lexical, sem nenhuma estrutura métrica:

asparagus

2. Construa a linha base da grade pela projeção dos núcleos das sílabas:

* * * * linha base
asparagus

3. Faça o último elemento da linha base extramétrico⁷:

* * * < * > linha base
asparagus

4. Construa um pé com núcleo à esquerda a partir da margem direita:

* linha de acento 1
* (* *) < * > linha base
as pa ra gus

Entretanto, como dito acima, uma característica do Inglês é que os padrões acentuais são afetados pela categoria gramatical ou estrutura morfológica da palavra, como ilustram os pares nome-verbo *récord* / 'rɛkɔ:d/ – *recórd* / rɪ 'kɔ:d/ e *cóntrast* / 'kɒntrɑ:st/ – *contrást* / kən 'trɑ:st/. Ou seja, o algoritmo de colocação do acento em nomes é diferente do algoritmo de colocação do acento em verbos.

Geralmente o comportamento dos adjetivos não sufixados é o mesmo dos verbos, como pode ser observado pelos exemplos abaixo.

⁷ O fenômeno da extrametricidade que ocorre no acento do Inglês será discutido em maiores detalhes abaixo.

	<u>A</u>	<u>B</u>	<u>C</u>	<u>D</u>
<u>Verbos</u>	cárry	édit	eróde	tormént
	férry	débit	avóid	enlíst
	cóver	imáGINE	surpríse	eléct
	díther	astónish	desígn	protéct
	cópy	prómise	discárd	adápt
<u>Adjetivos</u>	púshy	vívid	compléte	diréct
	úgly	tímid	remóte	occúlt
	lítte	líving	extréme	robúst
	prétty	ávid	discreét	afflíct
	lével	insípid	pervérse	imménse

Observa-se que as palavras da coluna A não contêm sílabas pesadas. Portanto, o algoritmo de colocação do acento constrói constituintes binários da direita para a esquerda e acentua a penúltima sílaba, como visto em 01 e 02 a seguir.

01) /'kæri/ /'feri/ /'kʌvə/ /'diðə/ /'kɒpi/

02) /'puʃi/ /'ʌgli/ /'litl/ /'preti/ /'levl/

Note que casos semelhantes podem ocorrer em palavras cuja penúltima sílaba é pesada, como em *órder* /ɔ:də/ e *fátal* /feɪtl/. Nestes casos, para manter a construção de pés binários, abordagem proposta por Hayes (1995) e adotada neste trabalho, o troquei criado

Quanto aos sufixos da primeira classe, sua presença não tem nenhum efeito sobre o acento primário da raiz a qual eles são adicionados. Sufixos desse tipo são: *-ment*, *-ness* e *-ful*. Por exemplo, quando o sufixo *-ment* é adicionado à raiz verbal *govern* /'gʌvɪn/ para formar o nome *governament* /'gʌvənmənt/, a posição do acento não é alterada. O mesmo efeito pode ser observado em *kind* /'kaɪnd/ – *kindness* /'kaɪndnəs/ e *faith* /'feɪθ/ – *faithful* /'feɪθfl/.

A segunda classe é formada por um tipo de sufixo que tende a atrair o acento para a sílaba imediatamente anterior a ele, independentemente de ela ser leve ou pesada. Sufixos desse tipo são: *-ic* e *-ity* ou *-ify*. Este é o caso, por exemplo, do sufixo *-ic* que é adicionado a uma raiz como *démocrat* /'deməkɹæt/ para formar o adjetivo *democrático* /,demə'krætɪk/. Isso também pode ser observado em *públic* /'pʌblɪk/ – *publicidade* /pʌ'blɪsəti/ e *pérsón* /'pɜːsn/ – *persónify* /pə'sɒnɪfaɪ/.

A terceira classe contém um tipo de sufixo que atrai o acento para a sílaba imediatamente anterior a ele apenas se ela for pesada. Caso contrário, o acento cai duas sílabas antes dele. Um sufixo típico dessa classe é *-al*. Essa mudança de acento pode ser observada, por exemplo, em *ádjektive* /'ædʒɪktɪv/ – *adjektíval* /,ædʒek'taɪvəl/ e *órnament* /'ɔːnəmənt/ – *ornaméntal* /,ɔːnə'məntl/, em que o sufixo atrai o acento para a sílaba anterior a ele pelo fato de ela ser pesada, e *múnícipe* /'mjuːnɪsɪp/ – *múnícipal* /mjuː'nɪsɪpl/, em que o acento cai duas sílabas antes do sufixo pelo fato de a sílaba anterior a ele ser leve.

Há, ainda, uma outra classe, formada por sufixos que tendem a atrair o acento original da palavra base para si. São os casos, por exemplo, de *-éte* e *-ésque*, que aparecem nas palavras *kitchenéte* /kɪtʃɪ'net/ e *grotésque* /grəʊ'tesk/, respectivamente. Segundo

Katamba (op. cit., p. 238), esses sufixos são emprestados do Francês e obedecem à regra de acentuação dessa língua.

Baseados no modelo métrico paramétrico proposto por Hayes (1995), Roca e Johnson (1999, p. 338) resumem a tipologia de acento do Inglês, como visto abaixo.

Localização do núcleo do pé:	esquerda / direita
Direção de construção:	Da direita para a esquerda / Da esquerda para a direita
Extrametricidade:	Sim (direita/esquerda) / não (nomes)
	Sim (direita/esquerda) / não (verbos)

2.2.2 Padrão acentual do Português

Assim como o Inglês, o Português parece ter seu sistema de acento regulado por regras, de forma que algumas generalizações podem ser feitas a respeito das regularidades do acento em Português.

O que podemos concluir a respeito das regularidades do acento em Português é o seguinte: a) o acento recai somente sobre uma das três últimas sílabas da palavra; b) a posição do acento na penúltima sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada em vogal; c) a posição do acento sobre a última sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada em consoante. (COLLISCHONN, 2001, p. 135)

Alguns autores (entre os quais, BISOL, 1992 apud COLLISCHONN, 2001) consideram que a regra do acento no Português é a mesma tanto para verbos quanto para não-verbos. Há quem defenda (entre outros, LEITE, 1974 e LEE, 1994 apud COLLISCHONN, 2001), entretanto, a separação da regra de acento do verbo do não verbo. Como o corpus deste trabalho é constituído somente por nomes, apenas o acento nos não-verbos em Português será discutido aqui.

O Português Brasileiro (PB) é uma língua que leva em consideração o peso silábico na regra de colocação do acento primário. O algoritmo que assinala o acento nos nomes constrói pés com núcleo à esquerda a partir da margem direita da palavra, ou seja, são formados troqueus, que podem ser moraicos, no caso específico de a palavra terminar em sílaba pesada, ou silábicos, no caso geral de a palavra não terminar em sílaba pesada.

O estabelecimento de uma regra geral para o acento nos nomes do PB deve dar conta das três possibilidades de acento: na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba da palavra. Como cerca de 70% dos nomes do PB são palavras com acentuação na penúltima sílaba, esse é o caso geral, enquanto que a acentuação na última ou na antepenúltima sílaba são os casos marcados.

Bisol (1992) estabelece a seguinte regra para o acento primário nos nomes do Português: “acentue a sílaba pesada final e, nos demais casos, forme um constituinte binário com cabeça à esquerda”.

Essa regra atribui o acento primário à última sílaba da palavra se ela for pesada e à penúltima se a última for leve, como ilustram 12 e 13 abaixo.

12) *também* /ta'bêj/ *coronel* /korõ'new/

13) *casa* /'kaza/ *parede* /pa'redi/

Segundo Bisol (1992), a noção de extrametricidade, vista acima, deve ser levada em consideração para explicar a acentuação: i) de palavras cuja penúltima sílaba é acentuada mesmo quando a última for pesada ou ii) de palavras que recebem o acento primário na antepenúltima sílaba.

Com relação às palavras do primeiro grupo, ou seja, aquelas cujo acento recai sobre a penúltima sílaba mesmo quando a última é pesada, segundo a autora, é a consoante final que é

considerada extramétrica, como visto a seguir. Como o algoritmo de colocação do acento não “enxerga” essa consoante final, forma-se um constituinte binário da direita para a esquerda e acentua-se a penúltima sílaba, como em 14 a seguir.

14) úti<l> /'uti<w>/ lápi<s> /'lapi<s>/

No entanto, observa-se que, mesmo fazendo-se uso *ad hoc* da noção de extrametricidade, a acentuação dos nomes do Português na penúltima sílaba mesmo quando a última é pesada parece não estar bem resolvida. Como explicar, por exemplo, que a extrametricidade é invocada para dar conta do acento em palavras como *homem* e *jovem*, mas não em palavras como *também* e *armazém*? Por que aquelas, a exemplo destas, não recebem o acento na última sílaba, de acordo com a regra geral do acento em Português? Pode-se considerar que casos como os de *homem* e *jovem* são, de fato, esdrúxulos, sem uma aparente justificativa, caracterizando exceções à regra geral de acentuação?

Como se viu, no Inglês, a extrametricidade é sistemática, ou seja, nos nomes, toda sílaba em final de palavra é considerada extramétrica, enquanto que, nos verbos, toda consoante em final de palavra é considerada extramétrica. A inquietação é exatamente esta: em Português, nem a última sílaba nem a última consoante são consideradas sempre como extramétricas, como no caso recorrente do Inglês.

É certo que quando um falante nativo do Português lê palavras (mesmo desconhecidas, como acrônimos, nomes de remédios, neologismos, palavras de origem estrangeira) que terminam em consoantes, tendem naturalmente a colocar o acento na última sílaba, seguindo a regra geral de acentuação. Portanto, palavras terminadas em r, l, N e S, além das terminadas em ditongos, ou oral ou nasal, recebem acento na última sílaba, como ilustram os exemplos em 15.

15)	Telemar	/tɛlɛ'mah/	(empresa de comunicações)
	Mavel	/ma'vew/	(revendedora de automóveis)
	Triken	/tri'kẽj/	(empresa petroquímica)
	Febem	/fɛ'bẽj/	(reformatório para menores)
	Petrobras	/petrɔ'bras/	(empresa nacional de petróleo)

Ora, se se lê *mavel* /ma'vew/ e *febem* /fɛ'bẽj/, por exemplo, com acento na última sílaba, pressupõe-se que haveria de ser, também, *movel* /mɔ'vew/ e *homem* /o'mẽj/, com acentuação na última sílaba. A fuga à regra geral de acentuação nos nomes do Português de palavras como *homem* e *jovem* suscita, ainda, muita discussão sobre o padrão acentual do Português.

Especificamente quanto às palavras terminadas em ditongo (cuja última sílaba é pesada e, portanto, de acordo com a regra geral de acentuação dos nomes do Português, devem ter o acento recaindo sobre a sílaba final) que recebem acento na penúltima sílaba, como os casos de *homem* e *jovem*, em contraponto com os de *também* e *porém*, por exemplo, pode-se relacionar o acento com a monotongação (ou não) da sílaba final.

Pode-se afirmar que sílabas finais com ditongos passíveis de monotongação (falsos ditongos) não atraem o acento, de forma que o acento recai na penúltima sílaba da palavra. Por outro lado, sílabas finais com ditongos que não se submetem à regra de monotongação (verdadeiros ditongos) atraem o acento, de modo que o acento recai sobre a última sílaba da palavra. Isso pode ser visto pelos exemplos em 16 e 17 dados abaixo.

16)	<i>homem</i>	['õmẽj]	~	['õmi]	<i>movel</i>	['mɔvew]	~	['mɔvi]
		σ σ		σ σ		σ σ		σ σ

No modelo de Bisol (1992), a regra de acentuação nos nomes do Português é formulada em termos de constituintes, sem considerá-los como pés. Seguindo o modelo de Hayes (1995), que leva em consideração o pé como unidade mínima portadora de acento, Bisol (2002, p. 109) estabelece uma nova versão para a regra do acento primário nos nomes do Português: “construa um troqueu moraico se a palavra terminar em sílaba pesada e, nos demais casos, construa um troqueu silábico, a partir da direita”. Para a autora, o troqueu moraico é a regra específica e o troqueu silábico, a regra geral.

Há que se considerar, pois, que o sistema acentual do Português Brasileiro é misto. Como a sílaba pesada final tende a atrair o acento, poder-se-ia imaginar que o algoritmo de colocação do acento primário nos nomes do Português constrói sempre troqueus moraicos. No entanto, como visto acima, em casos em que a última sílaba é leve e a penúltima é pesada, como na palavra “poste”, por exemplo, ou na palavra “fósforo”, considerando-se a última sílaba como extramétrica, haveria a formação de um pé moraico ternário, formado pela mora da última sílaba e as duas da penúltima, contrariando a teoria de Hayes (1995), que afirma que os pés devem ser binários. Portanto, Bisol (2002) considera o troqueu moraico apenas nos casos em que a última sílaba é pesada, e o troqueu silábico nos demais casos.

Por fim, para Bisol (1992), os nomes terminados em vogal que recebem acento na última sílaba são considerados como se tivessem uma consoante final na forma subjacente, o que caracterizaria a sílaba final como pesada e, portanto, recebedora do acento, como pode ser visto pelo diagrama abaixo.

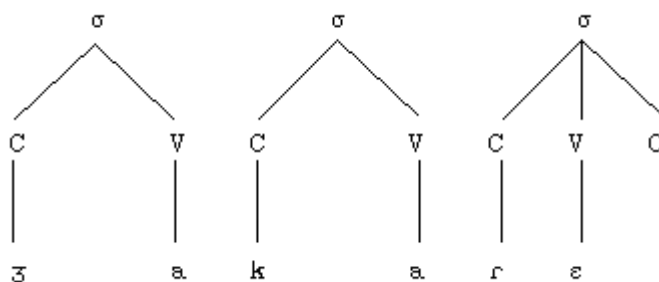


Diagrama 2.9: Exemplo de uma palavra com consoante final na forma subjacente

Segundo a autora, evidências para a existência dessa consoante abstrata surgem em formas derivadas, como *cafeteira*, *cafezal*, *chaleira* etc.

A partir da exposição dos padrões acentuais das duas línguas, pode-se contrastá-los resumidamente. Percebe-se que há bastante similaridade entre os padrões acentuais do Inglês e do Português. Em ambas as línguas, o sistema de acentuação é misto; ora são formados troqueus moraicos, ora silábicos.

O algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês conta as sílabas da direita para a esquerda e forma o núcleo do pé à esquerda. A última sílaba da palavra é sempre considerada extramétrica, mesmo quando pesada, a menos que sua ramificação seja no núcleo; neste caso, forma-se um troqueu moraic e o acento recai sobre ela (*cartoon* /kɑ: 'tu:n/ e *paranoia* / ,pærə 'nɔɪə/, por exemplo). Caso a última sílaba seja leve (ou pesada com ramificação na coda), ela é considerada extramétrica. Assim, se a penúltima sílaba for pesada, forma-se um troqueu moraic e o acento recai sobre ela (*revi<val>* /rɪ 'vaɪvl/ e *disser<vice>* /dɪs 'sɜ:vɪs/, por exemplo); já se a penúltima sílaba for leve, forma-se um troqueu silábico e o acento cai na antepenúltima sílaba (*gover<nor>* / 'gʌvənə/ e *syno<nym>* / 'sɪnənɪm/, por exemplo).

O algoritmo de colocação do acento nos nomes do Português também conta as sílabas da direita para a esquerda e forma o núcleo do pé à esquerda. Se a última sílaba for pesada, forma-se um troqueu moraic e o acento recai sobre ela (*castor* /kas 'toh/ e *plantel* /plã 'tɛw/, por exemplo); já se a última sílaba for leve, forma-se um troqueu silábico e o acento cai na penúltima sílaba (*bola* / 'bɔla/ e *camelo* /kã 'mɛlu/, por exemplo). Diferentemente do Inglês, a extrametricidade não é sistemática, ocorrendo apenas em algumas palavras, que recebem o acento na antepenúltima sílaba (*límpi<do>* / 'lĩpidu/ e *trêmu<lo>* / 'trẽmulu/, por exemplo).

Embora os padrões de acentuação das duas línguas sejam similares, observa-se que há muitas discrepâncias nas produções dos informantes. Essas modificações na acentuação de palavras do Inglês pronunciadas por falantes nativos do Português Brasileiro ocorrem, basicamente, devido a um processo de ressilabificação pela inserção de uma vogal epentética [i] em formas que ferem as combinações fonotáticas do Português, como se verá na análise dos dados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE CONTRASTIVA DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DO PADRÃO ACENTUAL DO INGLÊS POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O padrão acentual é um aspecto que, assim como os inventários de fonemas e o padrão silábico, influencia a nativização de palavras estrangeiras. A acentuação das palavras do Inglês causa grandes dificuldades para o falante nativo do Português. Enquanto o padrão silábico do Português prevê que a sílaba tônica pode ocorrer apenas na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba, o Inglês possui um padrão acentual diferente, apresentando um número maior de possibilidades. Em Português há, ainda, o fato de palavras cuja acentuação foge ao padrão possuírem uma sinalização ortográfica indicativa, o que não ocorre no Inglês.

Outro ponto relacionado ao padrão acentual que dificulta a pronúncia de palavras de origem inglesa por falantes nativos do Português é a questão da extrametricidade nominal, parâmetro do Inglês sem correlato direto no Português. Como visto no capítulo 2, o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês considera como extramétrica toda a sílaba final da palavra, independentemente do seu peso, o que pode resultar na acentuação da penúltima ou da antepenúltima sílaba da palavra, a depender do peso da penúltima sílaba. (KATAMBA, 1989, ROCA & JOHNSON, 1999, SPENCER, 1996, entre outros). Já o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Português, segundo a proposta apresentada neste trabalho, só considera como extramétrica a sílaba final de palavras com acento na antepenúltima sílaba. (BISOL, 2002).

Há uma tendência natural de o falante nativo do Português, ao pronunciar palavras do Inglês, nativizar sua pronúncia quanto ao padrão acentual do Português, ou seja, acentuar a última sílaba caso ela seja pesada ou acentuar a penúltima sílaba. Como visto no capítulo anterior, esse fenômeno também pode ser constatado, por exemplo, em acrônimos, nomes de remédios ou neologismos, como em 01 a seguir.

01) *embratel* [ẽbra'tɛw] *embrapa* [ẽ'brapa]

No caso de *embratel*, assim como no de *telemar*, *tratorial*, *anador*, *tramal*, entre outros, como a última sílaba é pesada, por possuir uma rima ramificada, forma-se um pé moraico e o acento recai sobre ela, como ilustrado no diagrama abaixo.

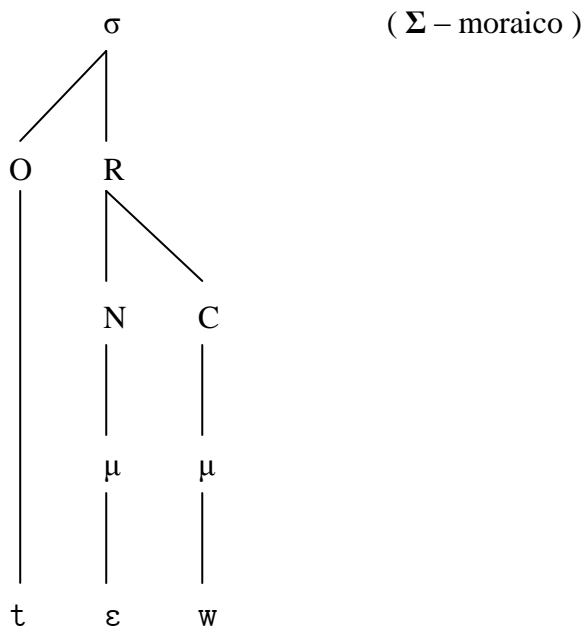


Diagrama 3.1: Pé moraico

Já no caso de *embrapa*, assim como no de *funasa*, *bradesco*, entre outros, como a última sílaba é leve, pelo fato de não possuir uma rima ramificada, forma-se um pé silábico e o acento recai sobre a penúltima sílaba, como mostrado em seguida.

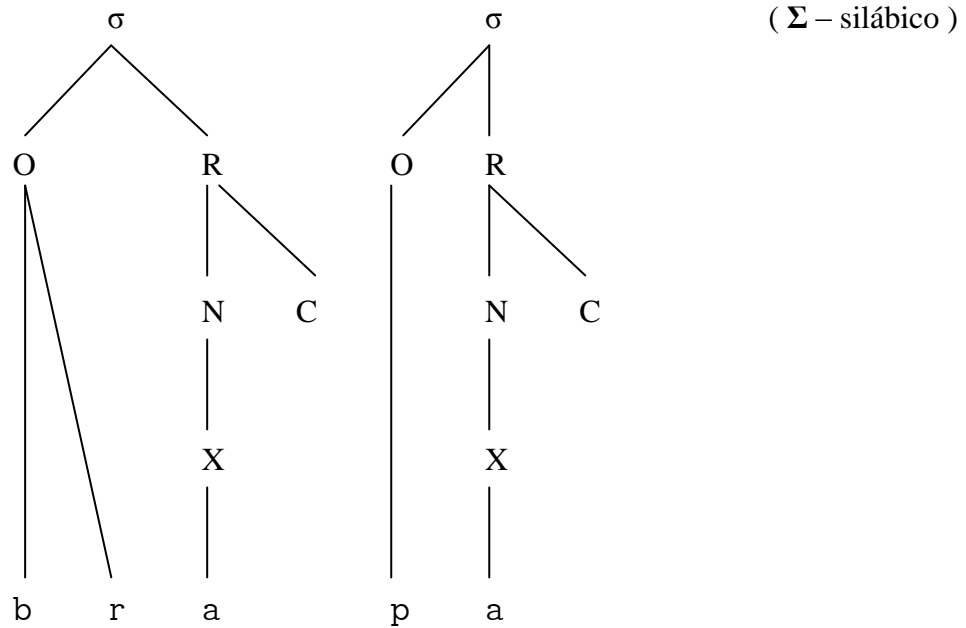


Diagrama 3.2: Pé silábico

Como o acento é uma proeminência que surge da relação entre a sílaba e o pé métrico, processos de ressilabificação, comuns em fenômenos de nativização, e necessários para manter as combinações fonotáticas paramétricas da língua que recebe os empréstimos, tendem a modificar o padrão acentual.

Todas as palavras monossílabas do corpus que possuem uma sílaba travada por uma oclusiva sofreram um processo de ressilabificação pelos informantes. Ao inserirem a vogal epentética [i] e transformarem esses monossílabos em palavras dissílabas, os informantes acentuaram a penúltima sílaba, seguindo o padrão acentual do Português, uma vez que as palavras surgidas através do processo de ressilabificação passaram a ter a última sílaba leve. Esse fenômeno pode ser constatado nos quadros 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4, mostrados a seguir.

Transcrição Padrão	/baɪt/	/tʃæt/	/tʃɪp/
Transcrição Informante 1	['bajtʃi]	['ʃɛtʃi]	['tʃɪpi]
Transcrição Informante 2	['bajti]	['ʃɛti]	['ʃɪpi]
Transcrição Informante 3	['bajti]	['ʃɛti]	['ʃɪpi]
Transcrição Informante 4	['bajti]	['ʃɛti]	['ʃɪpi]
Transcrição Informante 5	['bajti]	['ʃati]	['ʃɪpi]
Transcrição Informante 6	['bajti]	['ʃati]	['ʃɪpi]

Quadro 3.1: Manutenção do padrão acentual inglês

Transcrição Padrão	/klik/	/geɪm/	/lɪŋk/
Transcrição Informante 1	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]
Transcrição Informante 2	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]
Transcrição Informante 3	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]
Transcrição Informante 4	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]
Transcrição Informante 5	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]
Transcrição Informante 6	['klɪki]	['gejmi]	['lɪki]

Quadro 3.2: Manutenção do padrão acentual inglês

Transcrição Padrão	/prɪnt/	/web/	/wɜ:d/
Transcrição Informante 1	['prɪti]	['webi]	['wɔɹdi]
Transcrição Informante 2	['prɪ̃ti]	['webi]	['wohdi]
Transcrição Informante 3	['prɪ̃ti]	['webi]	['wohdi]
Transcrição Informante 4	['prɪ̃ti]	['webi]	['wohdi]
Transcrição Informante 5	['prɪ̃ti]	['webi]	['wohdi]
Transcrição Informante 6	['prɪ̃ti]	['webi]	['wohdi]

Quadro 3.3: Manutenção do padrão acentual inglês

Transcrição Padrão	/bits/	/sait/
Transcrição Informante 1	['bitis]	['sajtʃi]
Transcrição Informante 2	['bitis]	['sajti]
Transcrição Informante 3	['bitis]	['sajti]
Transcrição Informante 4	['bitis]	['sajti]
Transcrição Informante 5	['bitis]	['sajti]
Transcrição Informante 6	['bitʃis]	['sajti]

Quadro 3.4: Manutenção do padrão acentual inglês

Com relação ao informante 1, no caso das palavras *byte* ['bajtʃi], *chat* ['ʃɛtʃi] (quadro 3.1) e *site* ['sajtʃi] (quadro 3.4), e ao informante 6, no caso da palavra *bits* ['bitʃis] (quadro 3.4), percebe-se que, no processo de ressilabificação pela inserção da vogal epentética [i], houve uma africacão do [t] em posição de onset da sílaba final. No entanto, como visto no capítulo 2, onsets ramificados não contribuem para o peso silábico e, conseqüentemente, não influem no algoritmo de colocação do acento, de modo que os informantes, seguindo o padrão acentual do Português, formaram um pé silábico e acentuaram a penúltima sílaba. Nos demais casos (em que não ocorreu a africacão do [t] ou do [d] após a inserção da vogal epentética [i]), todos os informantes, também seguindo o padrão silábico do Português, formaram pés silábicos e acentuaram a penúltima sílaba das palavras. Os diagramas a seguir, com as palavras *byte* (em que houve a africacão) e *word* (em que não houve a africacão), ilustram esses fenômenos.

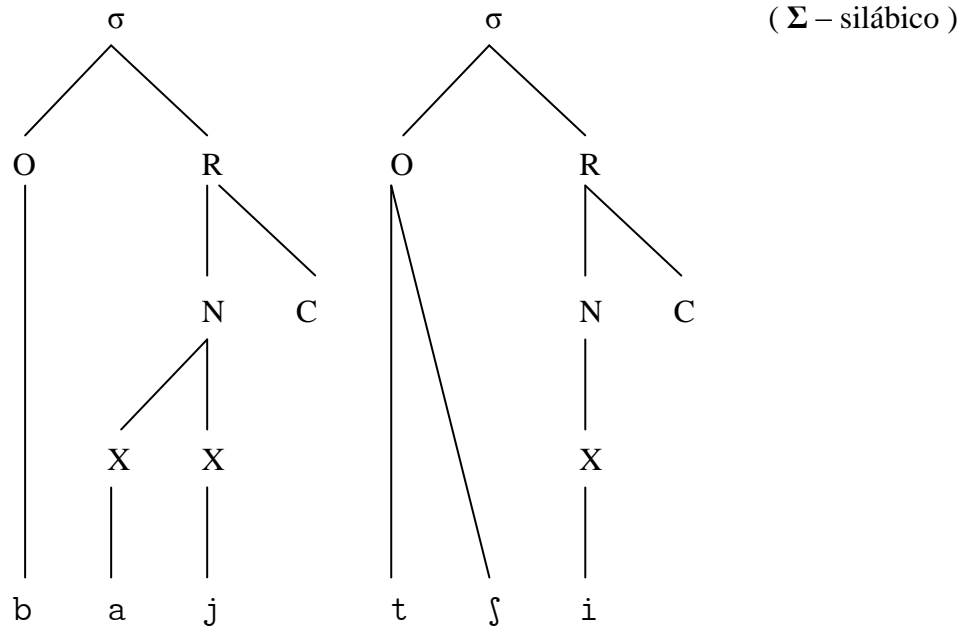


Diagrama 3.3: Onset ramificado na sílaba final

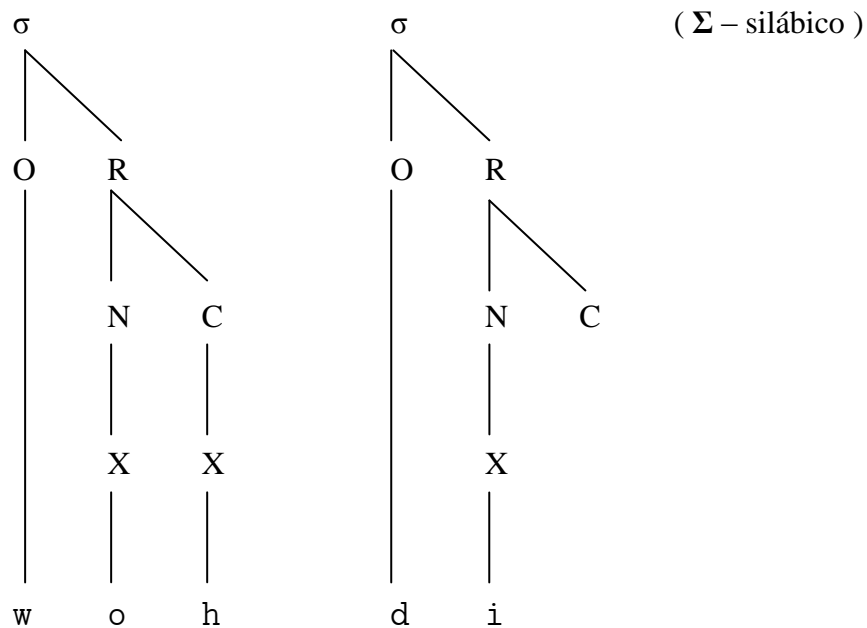


Diagrama 3.4: Onset simples na sílaba final

O caso da palavra *word*, ilustrado acima, levanta uma discussão sobre o comportamento dos glides [w] e [j] em Português e as posições que eles podem ocupar na estrutura interna da sílaba. Sabe-se que esses segmentos não ocupam a posição de núcleo

silábico em Português, ocorrendo apenas nas margens da sílaba. Em início de sílaba, nos ditongos crescentes, pode-se assumir que eles ocupam a posição de onset ou uma posição no núcleo ramificado. Quando da ocorrência desses segmentos no final da sílaba, ou assume-se que eles ocupam a posição de coda ou que eles ocupam uma posição no núcleo ramificado, no caso dos ditongos decrescentes. A princípio, é indiferente assumir que esses segmentos ocupem a posição de núcleo ramificado ou de coda, uma vez que, quanto ao peso silábico, como discutido no capítulo 2, o que se deve levar em consideração para saber se uma sílaba é ou não pesada é o fato de ela possuir uma rima ramificada, independentemente de ela possuir duas posições no núcleo (ou uma vogal longa ou um ditongo) ou uma posição no núcleo e outra na coda, como ilustrado a seguir.

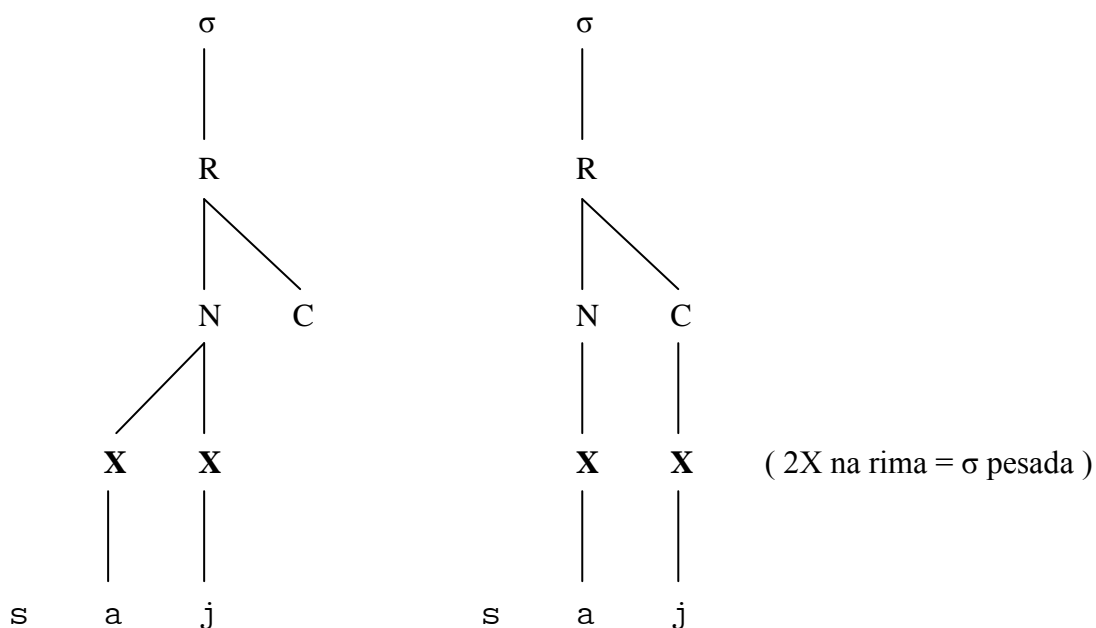


Diagrama 3.5: Sílaba pesada

No entanto, assumiu-se no capítulo 2 que, no Português Brasileiro, alguns ditongos são passíveis de monotongação. Foi esse o argumento usado para explicar, por exemplo, a diferença entre a acentuação de palavras como *homem* e *porém*. O que se está assumindo aqui,

coda são passíveis de redução, como ilustrado abaixo, para os casos das sílabas *rem* (da palavra *porém*, por exemplo) e *mem* (da palavra *homem*, por exemplo).

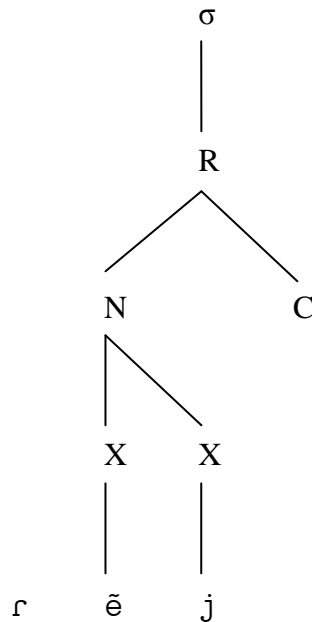


Diagrama 3.6: Exemplo em que não há redução (rima com ramificação no núcleo)

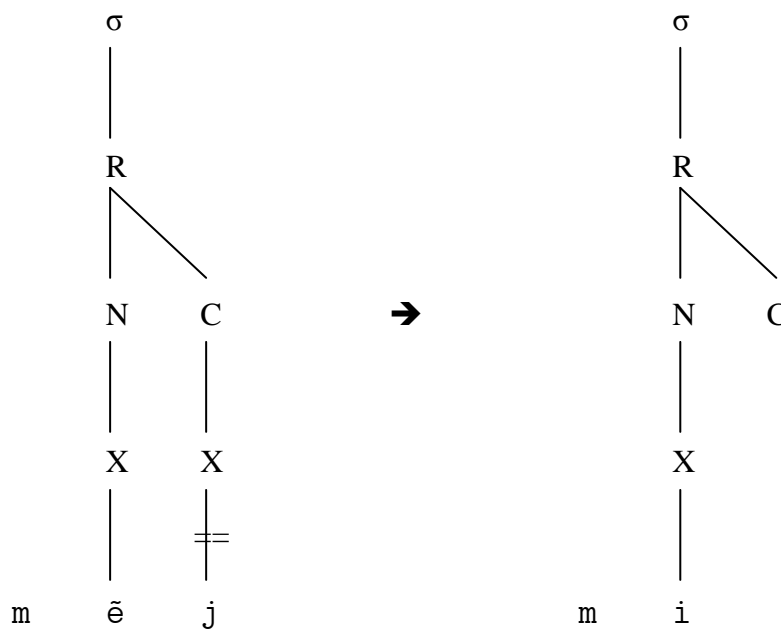


Diagrama 3.7: Exemplo em que há redução (rima com ramificação na coda)

Esse fenômeno de monotongação pode ocorrer, também, em sílabas mediais, como no caso das palavras *faixa* (/ 'faɣʃa/ → ['faʃɐ]), *peixe* (/ 'pejʃi/ → ['peʃɪ]), *feira* (/ 'fejra/ → ['ferɐ]) e *louco* (/ 'lowku/ → ['loku]), por exemplo. Todo e qualquer processo de monotongação pode, pois, ser explicado fazendo-se referência à sílaba, ou seja, há monotongação pelo fato de o segmento da rima ramificada ocupar uma posição na coda, sendo, portanto, passível de desligamento.

Houve mudanças no padrão acentual de palavras dissílabas e trissílabas contidas no corpus. Como visto acima, o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês considera como extramétrica a última sílaba. Esse fato foi desconsiderado pelos informantes, que, na maioria dos casos, seguiram o padrão acentual do Português para acentuarem tais palavras, ou seja, acentuaram a última sílaba quando pesada e a penúltima quando a última era leve. Vale salientar que, mais uma vez, os informantes usaram o processo de ressilabificação em algumas palavras, tornando-as maiores. Isso pode ser visto nos quadros 3.5, 3.6, 3.7, 3.8, 3.9 e 3.10, mostrados a seguir.

Transcrição Padrão	/ 'bʌg ,beə/	/ 'i :meɪl/	/ 'faɪə ,wɔ:l/
Transcrição Informante 1	[,bugi 'biɾ]	[i 'meju]	[,fajri 'wɔw]
Transcrição Informante 2	[bigi 'bē]	[e 'meju]	[,fajri 'wej]
Transcrição Informante 3	[,bugi 'biɛ]	[e 'meju]	[,fajri 'wɔw]
Transcrição Informante 4	[,bugi 'bie]	[i 'meju]	[,fajri 'wej]
Transcrição Informante 5	[,bugi 'bia]	[ē 'meju]	[firɛ 'ɔw]
Transcrição Informante 6	[,bugi 'bieh]	[e 'meju]	[,fajri 'wɔw]

Quadro 3.5: Modificação do padrão acentual inglês

No caso das três palavras do quadro 3.5, com relação ao padrão acentual do Inglês, apesar de a última sílaba ser pesada, a acentuação recai sobre a penúltima, uma vez que, como

visto no capítulo 2, no acento nos nomes do Inglês, a última sílaba é considerada como extramétrica pela regra de colocação do acento, independentemente de ela ser leve ou pesada.

No caso das palavras *bugbear* e *firewall*, no processo de nativização, a última sílaba ainda permaneceu pesada, de modo que os informantes, seguindo o padrão acentual do Português, a acentuaram. Já no caso da palavra *e-mail*, após o processo de nativização, os informantes transformaram a última sílaba pesada da palavra em Inglês (mɛɪl) em duas sílabas leves da palavra em Português (mɛ . ju) e acentuaram a penúltima sílaba, uma vez que a última ficou leve.

A análise da palavra *e-mail* do Inglês suscita uma questão interessante sobre a palavra *meio* do Português, especificamente quanto a sua silabificação. Glides intervocálicos no Português Brasileiro⁹ podem ser considerados como ocupando uma posição na rima da primeira sílaba (ou no núcleo ramificado ou na coda) ou a posição de onset da segunda sílaba. Nos dicionários, por exemplo, a divisão silábica da palavra *meio* sugere que há um ditongo na primeira sílaba e a segunda sílaba é formada apenas por uma vogal (mɛj . u). Entretanto, há outra possibilidade de silabificar essa palavra, considerando a semivogal [j] como onset da sílaba seguinte (mɛ . ju).¹⁰ Embora nenhuma das duas possibilidades fira qualquer

⁹ Especialmente o palatal [j], uma vez que o labial [w], em posição intervocálica, ocorre em poucas formas.

¹⁰ Silva (2003) argumenta que, em PB, o glide palatal [j], em posição intervocálica, ocupa uma posição lexicalmente marcada no núcleo ramificado. O principal argumento para afirmar que o glide palatal [j] não pode ocupar a posição de onset está no fato de que, segundo ela, quando este segmento ocorre em posição intervocálica, ele bloqueia a acentuação na antepenúltima sílaba da palavra, o que não acontece com outras consoantes palatais ocorrendo em tal posição. Segundo a autora, formas como [ˈmɛʃiku] *México*, [ˈfrizida] *frígida* e [ˈkãɲamu] *cânhamo*, por exemplo, são possíveis em PB, enquanto que *[ˈgojaba] **góiaba* não é. Entretanto, no caso da própria palavra *cânhamo*, citada por ela como tendo a ocorrência de uma consoante nasal palatal intervocálica, pode-se, em algumas regiões, ter a ocorrência de um

combinação fonotática do Português, a segunda opção é mais adequada, por levar em consideração o Princípio de Maximização do Onset Seguinte, o qual prevê que, em processos de silabificação, consoantes intervocálicas devem ocupar o onset da sílaba seguinte.

Deve-se atentar para o fato de que todos os informantes realizaram um processo de vocalização nas palavras *e-mail* e *firewall*, fenômeno que não ocorre em Inglês, mas que é comum na pronúncia de muitas palavras do Português Brasileiro, tais como: animal, sol, carrossel, entre outras (em que $l \rightarrow w$).

Transcrição Padrão	/ 'hɑ :dwɛə /	/ 'həʊm ,peɪdʒ /	/ 'lɪnuks /
Transcrição Informante 1	['hadew ,ɛri]	[,hõmi 'pejʒi]	['lɪnukis]
Transcrição Informante 2	[,hahdi 'wɛh]	[,hõmi 'pejʒi]	['lĩnukis]
Transcrição Informante 3	['hahdwɛr]	[,hõmi 'pejʒis]	[li 'nukis]
Transcrição Informante 4	['hahdwɛr]	[,hõmi 'pejʒi]	['lĩnukis]
Transcrição Informante 5	[ha 'dwɛ :]	[,hõmi 'peʒi]	[li 'nukis]
Transcrição Informante 6	['hahdere]	[,hõmi 'pejʒi]	['lĩnukis]

Quadro 3.6: Modificação do padrão acentual inglês

Com relação às três palavras do quadro 3.6, levando-se em consideração o padrão acentual do Inglês, observa-se que, pelo fato de a última sílaba ser considerada extramétrica, o acento recai sobre a penúltima sílaba. Depois da nativização, devido a processos de ressilabificação, o padrão acentual foi modificado pelos informantes.

No caso da palavra *hardware*, apenas os informantes 2 ([,hahdi 'wɛh]) e 5 ([ha 'dwɛ :]), seguindo o padrão acentual do Português, acentuaram a última sílaba, pelo

glide palatal em tal posição: ['kãjɐmu] *cânhamo*, o que confirma a ocorrência do [j] como onset, em posição intervocálica, numa palavra com acento na antepenúltima sílaba.

fato de ela ter ficado pesada. Os outros informantes, no entanto, mantiveram o padrão acentual do Inglês, mesmo com a última sílaba sendo pesada.

Quanto à palavra *homepage*, depois dos processos de ressilabificação, a palavra passou a ter quatro sílabas. Os informantes, então, seguindo o padrão acentual do Português, formaram um pé silábico da direita para esquerda e acentuaram a penúltima sílaba, pelo fato de a última ter ficado leve.

No caso específico da palavra *linux*, os informantes 1 (['lɪnukɪs]), 2 (['lĩnukɪs]), 4 (['lĩnukɪs]) e 6 (['lɪnukɪs]), após o processo de ressilabificação pela inserção da vogal epentética [i] entre os sons [k] e [s] (cuja representação na escrita se dá pela letra “x”), não seguiram o padrão de acentuação dos nomes do Português, qual seja: acentuar a penúltima sílaba no caso de a última ser leve; eles acentuaram a antepenúltima sílaba. Entretanto, como visto no capítulo 2, há palavras no léxico do Português que fogem ao padrão, tendo o acento recaindo, por exemplo, na antepenúltima sílaba, com a última sílaba, nesses casos, sendo considerada como extramétrica pelo algoritmo de colocação do acento. Portanto, o padrão de acentuação adotado por esses informantes não é de todo esdrúxulo, uma vez que o sistema acentual do Português prevê a acentuação da antepenúltima sílaba em algumas palavras. Já os informantes 3 ([li 'nukɪs]) e 5 ([li 'nukɪs]), após o processo de ressilabificação, formaram um pé silábico da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba.

No entanto, a pronúncia dos informantes 1, 2, 4 e 6 pode ser justificada pela semelhança da estrutura dessa palavra do Inglês (*linux*) com a de algumas palavras do Português, tais como: *tórax*, *látex*, *fênix* etc. Observa-se que, mesmo desconsiderando-se a inserção de uma vogal epentética [i] entre os sons [k] e [s] na pronúncia natural dessas palavras por falantes nativos do Português Brasileiro, ainda assim o acento deveria recair

sobre a última sílaba, uma vez que ela é pesada, pois é travada por uma consoante na posição de coda, mas, na verdade, tais palavras têm o acento recaindo na penúltima sílaba. Com efeito, como costuma ocorrer em Português, palavras com essa estrutura, na modalidade escrita, possuem um acento gráfico na penúltima sílaba, para mostrar o caráter marcado dessa acentuação.

Transcrição Padrão	/'maɪkrə'sɒft/	/'net,wɜ:kz/	/'nəʊt,bʊks/
Transcrição Informante 1	[,mɪkrə'sɒfɪtʃi]	[,nɛti'wɔrkɪ]	[,nɔti'bukɪs]
Transcrição Informante 2	[,majkrə'sɒfɪti]	[,nɛti'wɔwkɪs]	[,nɔti'bukɪs]
Transcrição Informante 3	[,majkrə'sɒfɪti]	[,nɛti'wɔrkɪ]	[,nɔti'bukɪs]
Transcrição Informante 4	[,majkrə'sɒfɪti]	[,nɛti'wɔrkɪs]	[,nɔti'bukɪs]
Transcrição Informante 5	[,majkrə'sɒfɪtʃi]	[,nɛti'wɔkɪs]	[,nɔtʃi'bukɪs]
Transcrição Informante 6	[,majkrə'sɒfɪti]	[,nɛti'wɔrkɪs]	[,nɔti'bukɪs]

Quadro 3.7: Modificação do padrão acentual inglês

Com relação às palavras do quadro 3.7, de acordo com o padrão acentual do Inglês, ao se considerar a última sílaba como extramétrica, o acento recai sobre a penúltima sílaba, no caso das palavras *networks* e *notebooks*, e sobre a antepenúltima, no caso da palavra *microsoft*, pelo fato de a penúltima sílaba dessa palavra ser leve. Durante a nativização, com os processos de ressilabificação realizados pelos informantes, esse padrão acentual foi alterado.

No caso das palavras *networks* e *notebooks* (nomes contáveis do Inglês e, portanto, passíveis de pluralização), os informantes, seguindo o padrão acentual do Português, formaram pés silábicos da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba, pelo fato de a última sílaba dessas palavras ter ficado leve durante o processo de nativização (se se considerar o “s” morfológico final demarcativo de plural como opaco para as regras de colocação do acento).

Já no caso de *microsoft*, após os processos de ressilabificação e a consequente mudança do padrão acentual, os informantes, fugindo ao padrão acentual do Português Brasileiro, acentuaram a antepenúltima sílaba. No entanto, como explicado acima para o caso da palavra *linux*, a acentuação na antepenúltima sílaba também é prevista pelo sistema acentual do Português Brasileiro. Nestes casos, como visto no capítulo 2, a última sílaba é considerada extramétrica pelo algoritmo de colocação do acento.

Transcrição Padrão	/ 'ɔ : rək l /	/ ' aʊ t , lʊ k /	/ ' sɒ f t , w e ə /
Transcrição Informante 1	[o ' r a k o w s]	[, o t i ' l u k i]	[' s ɒ f i t i w , ɛ ɾ]
Transcrição Informante 2	[o ' r a j k l i]	[, a w t i ' l u k i]	[, s ɒ f i t i ' w e h]
Transcrição Informante 3	[o ' r a j k o w]	[, a w t i ' l u k i]	[' s ɒ f i , t w e ɾ]
Transcrição Informante 4	[o ' r a k l i]	[, a w t u ' l u k i]	[' s ɒ f i , t w e ɾ]
Transcrição Informante 5	[ɔ ' r a k l i]	[, ɔ t ʃ i ' l u k i]	[, s ɒ f i ' t w e :]
Transcrição Informante 6	[ɔ ' r a k l i]	[, a w t i ' l u k i]	[' s ɒ f i t e r e]

Quadro 3.8: Modificação do padrão acentual inglês

Com relação às palavras do quadro 3.8, de acordo com o padrão acentual do Inglês, observa-se o mesmo fenômeno ocorrido com as palavras do quadro 3.7. Ao se considerar a última sílaba como extramétrica, o acento cai na penúltima sílaba, nos casos das palavras *outlook* e *software*, e na antepenúltima, no caso da palavra *oracle*, pelo fato de a penúltima sílaba dessa palavra ser leve. O padrão acentual, uma vez mais, é modificado, depois de processos de ressilabificação realizados pelos informantes.

Nos casos das palavras *oracle* e *outlook*, todos os informantes, seguindo o padrão acentual do Português, formaram um pé silábico da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba.

No caso da palavra *software*, os informantes 2 ([,sɔfiti'wɛh]) e 5 ([,sɔfi'twɛ:]), seguindo o padrão acentual do Português, acentuaram a última sílaba, pelo de ela ter ficado pesada durante o processo de nativização. Já os informantes 3 (['sɔfi ,twɛɾ]) e 4 (['sɔfi ,twɛɾ]) acentuaram a antepenúltima sílaba da palavra, caso que foge ao padrão acentual do Português, mas que é previsto em algumas situações, como visto há pouco. No entanto, um caso curioso ocorreu com os informantes 1 (['sɔfitiw ,ɛɾ]) e 6 (['sɔfiterɐ]). Suas realizações podem ser consideradas esdrúxulas, uma vez que eles acentuaram a sílaba anterior à antepenúltima, fugindo totalmente ao padrão acentual do Português, que prevê que a sílaba acentuada seja a última, a penúltima ou a antepenúltima. No entanto, observa-se que caso semelhante ocorre com a palavra *técnico* ['tɛkiniku], em que, a rigor, a acentuação acaba ocorrendo na sílaba anterior a antepenúltima, devido a um processo de ressilabificação pela inserção de uma vogal epentética [i] após a consoante da coda da primeira sílaba, uma vez que a sequência *cn* [kn] fere as combinações fonotáticas da língua.

Transcrição Padrão	/'juniks/	/'winzip/	/'waɪəlis/
Transcrição Informante 1	['unikis]	[wĩ'zapi]	[,wajri'lɛsi]
Transcrição Informante 2	['ũnikis]	[wĩ'zipi]	['wajhĩlĩs]
Transcrição Informante 3	[u'nikis]	[wĩ'zipi]	['wajri,lɛsi]
Transcrição Informante 4	[wĩ'nikis]	[wĩ'zipi]	[,wajri'lɛsi]
Transcrição Informante 5	[u'nikis]	[wi'zipi]	[wi'rɛlis]
Transcrição Informante 6	[ũ'nikis]	[wĩ'zipi]	['wajri,lɛsi]

Quadro 3.9: Modificação do padrão acentual inglês

Com relação às três palavras do quadro 3.9, de acordo com o padrão acentual do Inglês, ao se considerar a última sílaba como extramétrica, o acento cai na penúltima sílaba. Mais uma vez, depois de processos de ressilabificação realizados pelos informantes, esse padrão acentual foi alterado.

No caso da palavra *unix*, em relação aos informantes 1 (['uníkɪs]) e 2 (['ũnikɪs]), ocorreu o mesmo fenômeno da palavra *linux*: após os processos de ressilabificação, eles acentuaram a antepenúltima sílaba da palavra, talvez influenciados, como dito acima, pela existência de palavras do português com a mesma estrutura, como *córtex*, por exemplo. Os outros informantes, seguindo o padrão acentual do Português, formaram pés silábicos da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba.

Com relação à palavra *winzip*, todos os informantes, seguindo o padrão acentual do Português, formaram pés silábicos da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba.

Já no caso da palavra *wireless*, os informantes 1 ([,wajrɪ 'lɛsɪ]), 4 ([,wajrɪ 'lɛsɪ]) e 5 ([wi 'rɛlɪs]), após os processos de ressilabificação, formaram um pé silábico da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba. O informante 2 (['wajhɪlɪs]) acentuou a antepenúltima sílaba, caso que foge ao padrão acentual do Português, mas que ocorre em algumas situações, como já mencionado. Já os informantes 3 (['wajrɪ ,lɛsɪ]) e 6 (['wajrɪ ,lɛsɪ]), como no caso dos informantes 1 e 6 em relação à palavra *software*, fugindo totalmente ao padrão acentual do português, acentuaram a sílaba anterior à antepenúltima.

Transcrição Padrão	/' <i>intəfeɪs</i> /	/' <i>intənɛt</i> /
Transcrição Informante 1	[, <i>ɪtɛh'fejsi</i>]	[, <i>ɪtɛr'nɛti</i>]
Transcrição Informante 2	[, <i>ɪtɛh'fasi</i>]	[, <i>ɪtɛh'nɛti</i>]
Transcrição Informante 3	[, <i>ɪtɛh'fejsi</i>]	[, <i>ɪtɛh'nɛti</i>]
Transcrição Informante 4	[, <i>ɪtɛh'fejsi</i>]	[, <i>ɪtɛh'nɛti</i>]
Transcrição Informante 5	[, <i>ɪtɛh'fasi</i>]	[, <i>ɪtɛh'nɛti</i>]
Transcrição Informante 6	[, <i>ɪtɛh'fasi</i>]	[, <i>ɪtɛh'nɛti</i>]

Quadro 3.10: Modificação do padrão acentual inglês

Com relação às duas palavras do quadro 3.10, quanto ao padrão acentual do Inglês, considerando-se a última sílaba como extramétrica, o acento recai sobre a antepenúltima, uma vez que a penúltima é leve. Após a nativização, com os processos de ressilabificação realizados pelos informantes, esse padrão foi alterado.

Em ambos os casos, todos os informantes, seguindo o padrão acentual do Português Brasileiro, formaram pés silábicos da direita para a esquerda e acentuaram a penúltima sílaba dessas palavras.

No caso das palavras *default* e *download*, o padrão acentual do Inglês também foi alterado pelos informantes, como mostra o quadro 3.11 abaixo. Vale salientar que a palavra *download*, em Inglês, é um verbo, que significa copiar ou baixar dados de um computador ou da internet, mas, em Português, ela tem sido usada normalmente como um nome, que significa a obtenção de dados através da internet.

Transcrição Padrão	/dɪ'fɔ:lt/	/,daʊn'ləʊd/
Transcrição Informante 1	[de'fɔ:ti]	[daw'lɔdʒi]
Transcrição Informante 2	[di'fɔ:ti]	[daw'lowdi]
Transcrição Informante 3	[de'fu:]	[dãw'lodi]
Transcrição Informante 4	[de'fawti]	[dãw'lodi]
Transcrição Informante 5	[de'fawtʃi]	[do'awdi]
Transcrição Informante 6	[de'fow]	[dãw'lodi]

Quadro 3.11: Modificação do padrão acentual inglês

De acordo com o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês, ao se considerar a última sílaba como extramétrica, o acento deveria recair sobre a penúltima sílaba. Entretanto, como visto no capítulo 2, uma vogal longa (caso de *default* [dɪ'fɔ:lt]) ou um ditongo no núcleo da última sílaba bloqueia o fenômeno da extrametricidade nominal do Inglês, de forma que a acentuação dessa palavra ocorre na última sílaba. Com relação à palavra *download*, que é um verbo do Inglês, mesmo considerando a última consoante como extramétrica, como visto no capítulo 2, ainda assim a última sílaba permanece pesada, devido à ocorrência de um ditongo, o que faz com que o acento recaia sobre ela.

No caso de *default*, na pronúncia dos informantes 3 ([de'fu:]) e 6 ([de'fow]), esse nome, no processo de nativização, tem o acento recaindo sobre a última sílaba, exatamente como no caso do Inglês, pelo fato de esta sílaba ter ficado pesada (no caso do informante 3, observa-se a ocorrência de uma vogal longa no núcleo, e no do informante 6, há a ocorrência de um ditongo no núcleo). Já os outros informantes, após o processo de nativização, ressilabificaram a palavra, acentuando a penúltima sílaba, também de acordo com o padrão acentual do Português, uma vez que a última sílaba, surgida pelo processo de ressilabificação depois da inserção da vogal epentética [i], tornou-se leve.

No caso de *download*, todos os informantes ressilabificaram a palavra, com a inserção da vogal epentética [i] na sílaba final, e acentuaram a penúltima sílaba, seguindo o padrão do Português.

No caso das palavras *Hacker* e *Server*, o padrão acentual não foi modificado. Alguns informantes não realizaram o rótico final, de tal forma que a última sílaba tornou-se leve, fazendo com que o acento recaísse sobre a penúltima sílaba, de acordo com o padrão acentual do Português. No caso dos informantes que realizaram o rótico final, provavelmente influenciados pela escrita, a colocação do acento na penúltima sílaba, mesmo contrariando o padrão acentual do Português, que prevê que sílabas pesadas finais devem receber o acento, como visto no capítulo 2, pode ser justificada pelo fato de que algumas palavras terminadas em “r” formam uma classe de exceções quanto à colocação do acento, sendo acentuadas na penúltima sílaba, o que indica que, nesses casos, o “r” e o “s” finais, como discutido no capítulo 2, são opacos quanto à colocação do acento. Esse fenômeno pode ser observado no quadro 3.12, dado abaixo.

Transcrição Padrão	/'hækə/	/'sɜ:və/
Transcrição Informante 1	['hɛkisu]	['sɛhvisi]
Transcrição Informante 2	['haki]	['sɛhvri]
Transcrição Informante 3	['hakɛ]	['sɛhvɛ]
Transcrição Informante 4	['hakɛh]	['sɛhvɛh]
Transcrição Informante 5	['haki]	['sɛwvis]
Transcrição Informante 6	['hakɛh]	['sɛvɛɾ]

Quadro 3.12: Manutenção do padrão acentual inglês

Com base na análise dos dados, observa-se que o fenômeno da ressilabificação pela inserção de uma vogal epentética [i] em formas das palavras estrangeiras que ferem as

combinações fonotáticas do Português é recorrente e usado por todos os informantes, independentemente do grau de contato destes falantes com o Inglês enquanto língua aprendida, o que acaba acarretando mudança no padrão acentual.

No capítulo seguinte, a discussão sobre a nativização é retomada, levando em consideração a interferência do sistema fonológico do Português na pronúncia de palavras do Inglês que foram nativizadas com relação à substituição de segmentos e a mudanças na estrutura silábica e no padrão acentual.

CAPÍTULO 4

RETOMANDO A DISCUSSÃO SOBRE INTERFERÊNCIA EM TERMOS DE SEGMENTOS, SÍLABA E ACENTO

Algumas generalizações podem ser feitas a respeito da nativização de palavras do Inglês que são incorporadas pelo Português Brasileiro, tanto do ponto de vista da substituição de segmentos estrangeiros por segmentos do estoque nativo, quanto em relação a alterações no padrão silábico e, conseqüentemente, no padrão acentual.

4.1 Interferência no nível segmental

No tocante aos segmentos, pelo fato de o Inglês possuir alguns fonemas que não fazem parte do inventário fonológico do Português, há uma tendência natural de os falantes nativos do Português substituírem esses sons por outros foneticamente semelhantes pertencentes ao seu estoque nativo.

Com relação aos sons vocálicos, observa-se que os seguintes segmentos do inventário do Inglês não fazem parte do inventário do Português: /ɪ/, /ʊ/, /ə/, /ɜ/, /ʌ/, /æ/, /ɑ/ e /ɒ/. Os diagramas a seguir ilustram possíveis substituições realizadas por falantes nativos do Português na pronúncia de tais sons¹¹.

Halle & Clements (1983, p. 07) afirmam que os traços [+ tenso] e [+ ATR] podem ser implementações variantes de uma mesma categoria de traços, uma vez que ainda não se percebeu a ocorrência distintiva desses traços em nenhuma língua. Ou seja, todo vocóide [+ tenso] é também [+ ATR] e todo aquele que é [- tenso] é também [- ATR]. Ainda segundo os

¹¹ Tomou-se por base o falar comumente usado na região Nordeste do Brasil, em que os falantes tendem a realizar os sons médios como abertos.

autores, o segmento [+ tenso] (ou [+ ATR]) é frequentemente acompanhado de uma maior duração.

Gussenhoven e Jacobs (1998, p. 160) assumem que o traço [\pm tenso], equivalente a [\pm ATR], deve ser ligado, na árvore de traços, ao nó univalente radical. É esse traço que distingue pares de sons como [i] e [ɪ] e [u] e [ʊ], por exemplo.

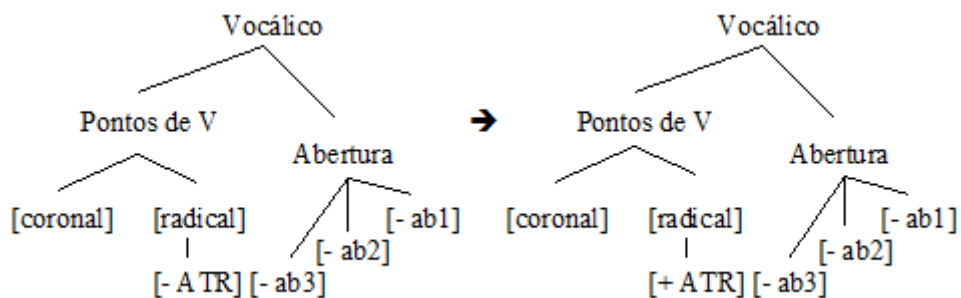


Diagrama 4.1: Substituição do segmento /ɪ/ por /i/.

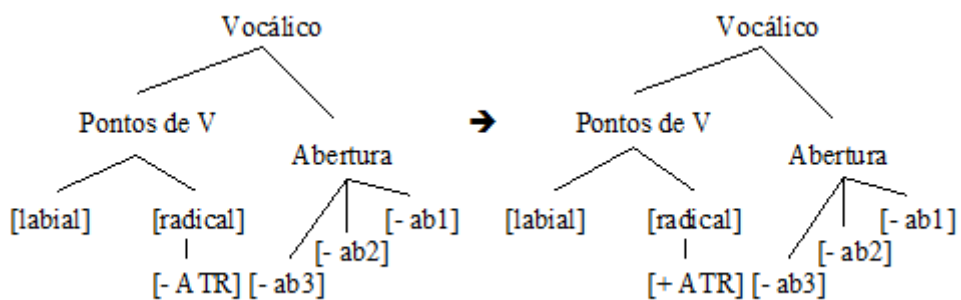


Diagrama 4.2: Substituição do segmento /ʊ/ por /u/.

Nos diagramas 4.1 e 4.2, observa-se que o único traço que diferencia os dois sons é o [ATR], ligado ao nó radical. Como o /ɪ/ e o /ʊ/ do Inglês são sons extremamente curtos, eles são considerados [- tenso] ou [- ATR], pois são pronunciados com um relaxamento das

cordas vocais. Falantes nativos do Português tendem a pronunciar esses sons com uma tensão nas cordas vocais, o que equivale aos sons /i/ e /u/, respectivamente, considerados como [+ tenso] ou [+ ATR]. Com relação às palavras do corpus, exemplos de tais substituições podem ser observados nas pronúncias de *klik* ([kɫɪk] → ['kliki]) e *notebooks* (['nəʊt ,bʊks] → [,noti 'bukis]).

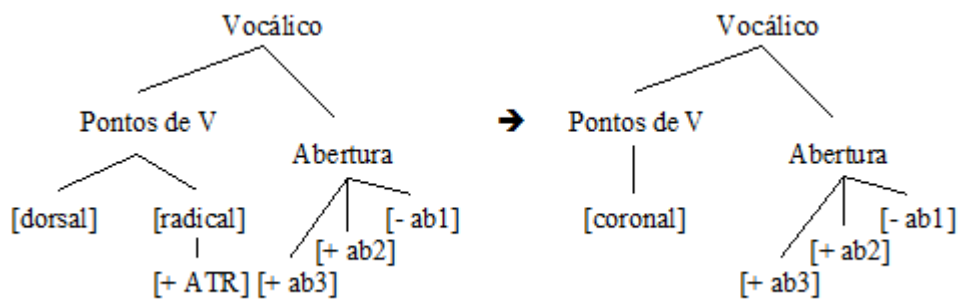


Diagrama 4.3: Substituição do segmento /ɜ/ por /ε/.

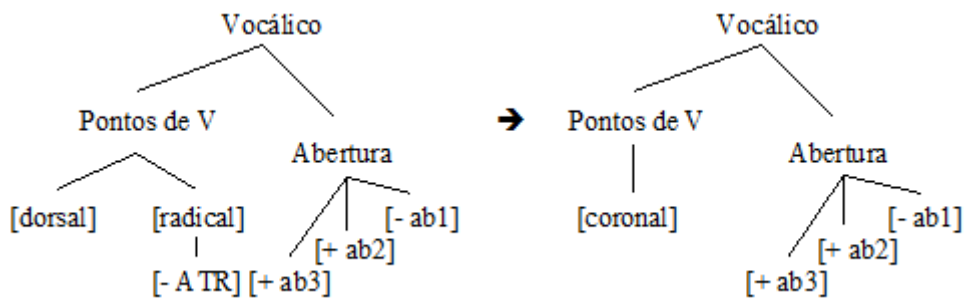


Diagrama 4.4: Substituição do segmento /ə/ por /ε/.

Pelos diagramas 4.3 e 4.4, percebe-se que os sons dorsais do Inglês /ɜ/ e /ə/, inexistentes no inventário do Português, tendem a ser pronunciados, por falantes nativos do Português, com a ponta da língua como articulador ativo, o que equivale ao som /ε/ do

Português, uma vez que o grau de abertura usado na pronúncia desses sons é o mesmo. Um exemplo dessa substituição pode ser observado na pronúncia da palavra do corpus *server* (['sɜ:və] → ['sɛhvɛ]).

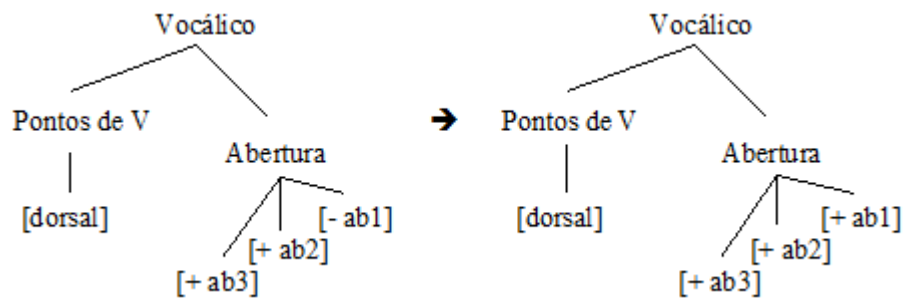


Diagrama 4.5: Substituição do segmento /ʌ/ por /a/.

No diagrama 4.5, percebe-se que o que diferencia o som estrangeiro do som nativo é o grau de abertura, de forma que falantes nativos do Português tendem a pronunciar o som /ʌ/ do Inglês com um grau de abertura maior, o que equivale ao som /a/ do Português, como no caso da palavra *up*, no termo *close up*, por exemplo. Entretanto, na palavra do corpus (*bugbear*) em que o som /ʌ/ do Inglês ocorre, os falantes o substituíram pelo som /u/ do Português, certamente influenciados pela escrita.

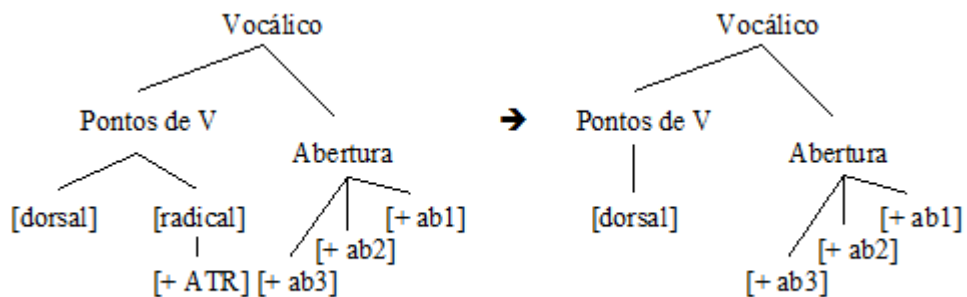


Diagrama 4.6: Substituição do segmento /ɑ/ por /a/.

No diagrama 4.6, observa-se que ambos os sons são articulados com o dorso da língua e têm o mesmo grau de abertura. A diferença é que o som /ɑ/ do Inglês, por ser [+ tenso] e acompanhado de um alongamento, sempre ocorre em sílabas tônicas. Já o som /a/ do Português pode ocorrer tanto em sílabas tônicas quanto em átonas. Portanto, devido à grande semelhança fonética entre esses sons, falantes nativos do Português tendem naturalmente a substituir o som estrangeiro pelo som nativo em suas realizações. A pronúncia da palavra do corpus *hardware* (['hɑ:dwɛə] → ['hɑhdwɛr]) ilustra tal substituição.

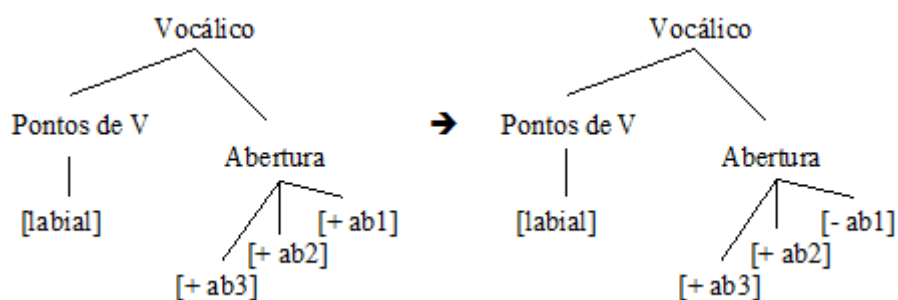


Diagrama 4.7: Substituição do segmento /ɒ/ por /ɔ/.

No diagrama 4.7, percebe-se que o que diferencia os dois sons é o grau de abertura. Dessa forma, falantes nativos do Português tendem a pronunciar o som /ɒ/ do Inglês, inexistente no seu estoque nativo, com um grau de abertura menor, o que equivale ao som /ɔ/ do Português. A pronúncia da palavra do corpus *microsoft* (['maɪkrə ,sɒft] → [,majkrɔ 'sɔfiti]) ilustra essa substituição.

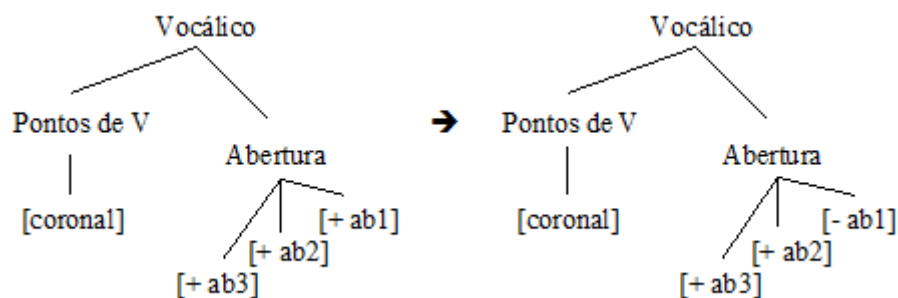


Diagrama 4.8: Substituição do segmento /æ/ por /ε/.

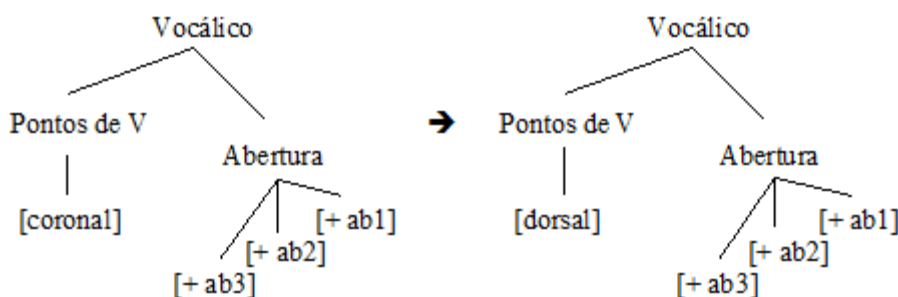


Diagrama 4.9: substituição do segmento /æ/ por /a/.

Pelos diagramas 4.8 e 4.9, observa-se que o som /æ/ do Inglês, inexistente no inventário do Português, tende a ser substituído, por falantes nativos do Português, ou pelo som /ε/, com a pronúncia sendo realizada com um grau de abertura menor, mantendo-se a ponta da língua como articulador ativo, ou pelo som /a/, com a pronúncia sendo realizada com o dorso da língua ao invés da ponta, com o grau de abertura sendo mantido. Exemplos de tais substituições podem ser vistos nas pronúncias da palavra do corpus *chat* ([tʃæt] → [ˈʃati] ou [ˈʃeti]).

Com relação aos sons consonantais, observa-se que os seguintes sons do inventário do Inglês não fazem parte do inventário do Português: /θ/, /ð/ e /ŋ/, além das africadas

/tʃ/ e /dʒ/, que, em Português, ocorrem como variantes dialetais de /t/ e /d/. No caso das fricativas dentais, pode-se haver substituição por fonemas nativos foneticamente semelhantes através da mudança de ponto ou de modo de articulação. A nasal velar tende naturalmente a ser substituída pela nasal alveolar. As africadas surgem através de um processo de africacão ou palatalização, comum em diversas regiões do país também em palavras nativas. Os diagramas a seguir ilustram esses fenômenos.

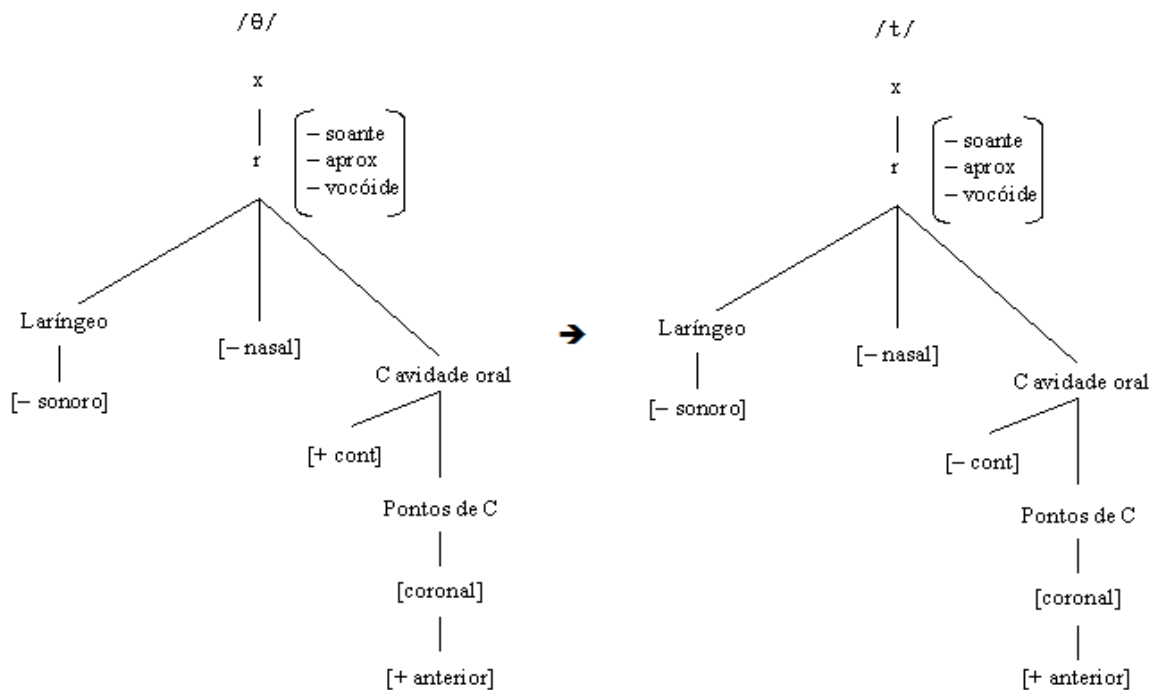


Diagrama 4.10: Substituição do segmento /θ/ por /t/.

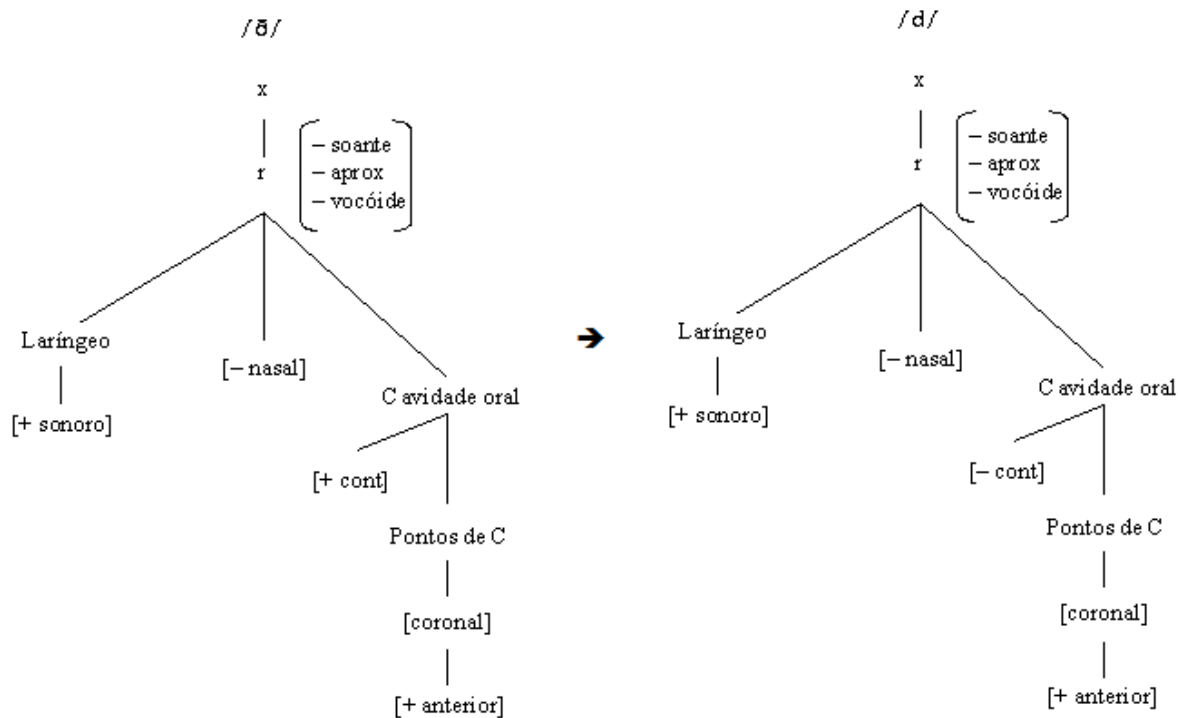


Diagrama 4.11: Substituição do segmento /ð/ por /d/.

Observa-se, pelos diagramas 4.10 e 4.11, que os sons interdentais /θ/ e /ð/ do Inglês são [+ cont]. Falantes nativos do Português tendem a pronunciá-los sem esse traço de continuidade, o que equivale aos sons oclusivos /t/ e /d/, respectivamente. Infelizmente, não há a ocorrência de fricativas interdentais nas palavras do corpus.

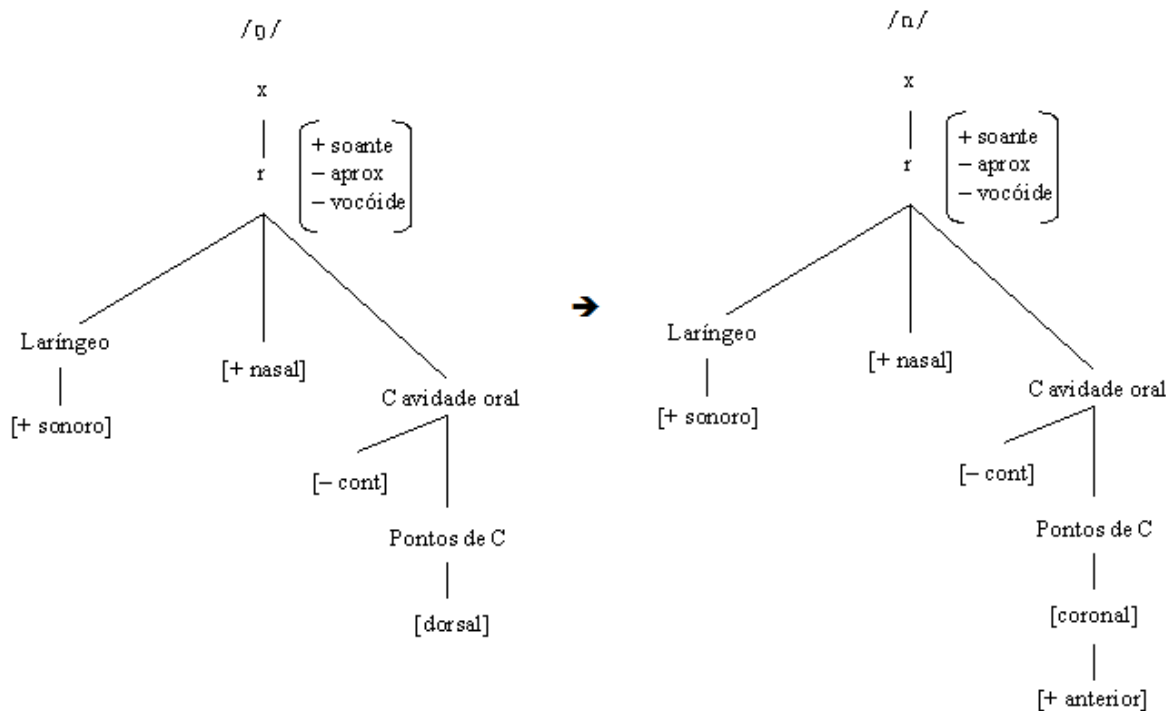


Diagrama 4.12: Substituição do segmento /ŋ/ por /n/.

Observa-se, no diagrama 4.12, que o segmento /ŋ/ do Inglês é articulado com o dorso da língua. Em palavras nativizadas, ele tende a ser articulado com a ponta da língua, o que equivale ao segmento /n/. Como esse segmento do Inglês sempre ocorre em codas silábicas, após o processo de nativização, há uma nasalização da vogal precedente e o segmento nasal é apagado. Exemplo desse fenômeno pode ser observado na palavra do corpus link ([liŋk] → [ˈlɪki]).

O processo de africacão ou palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ (espraiamento regressivo) ou depois de [j] (espraiamento progressivo), o que resulta em [tʃ] e [dʃ], respectivamente, é ilustrado pelos diagramas 4.13, 4.14, 4.15 e 4.16 a seguir.

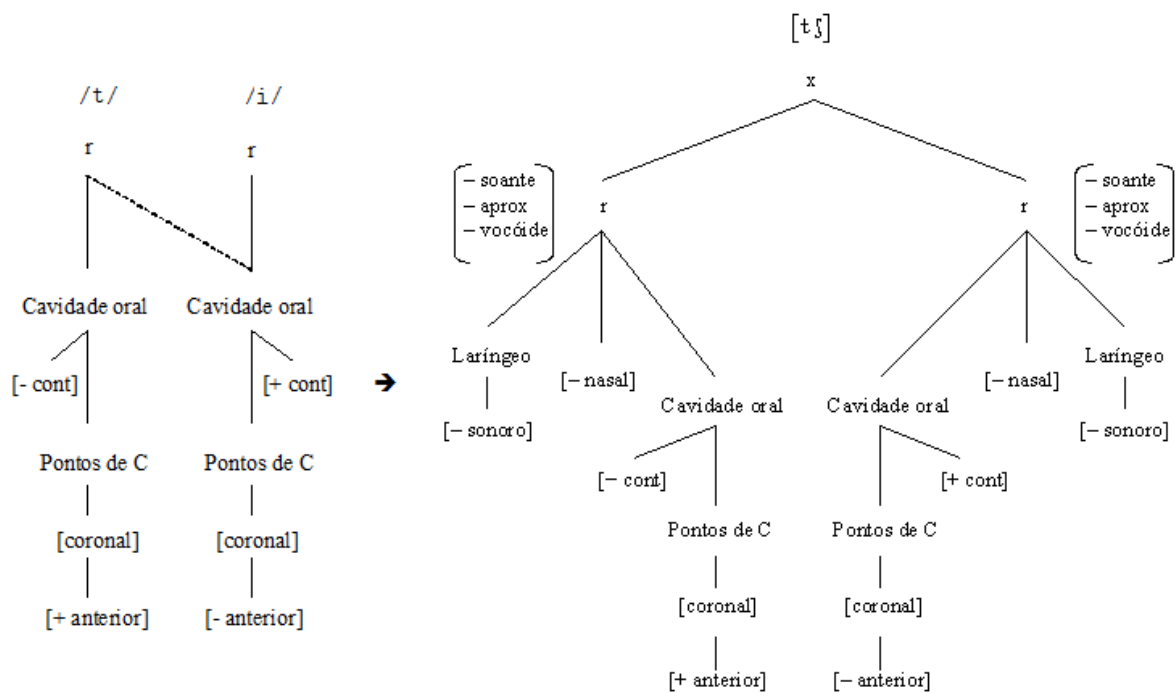


Diagrama 4.13: Processo de africacão do /t/ antes de /i/.

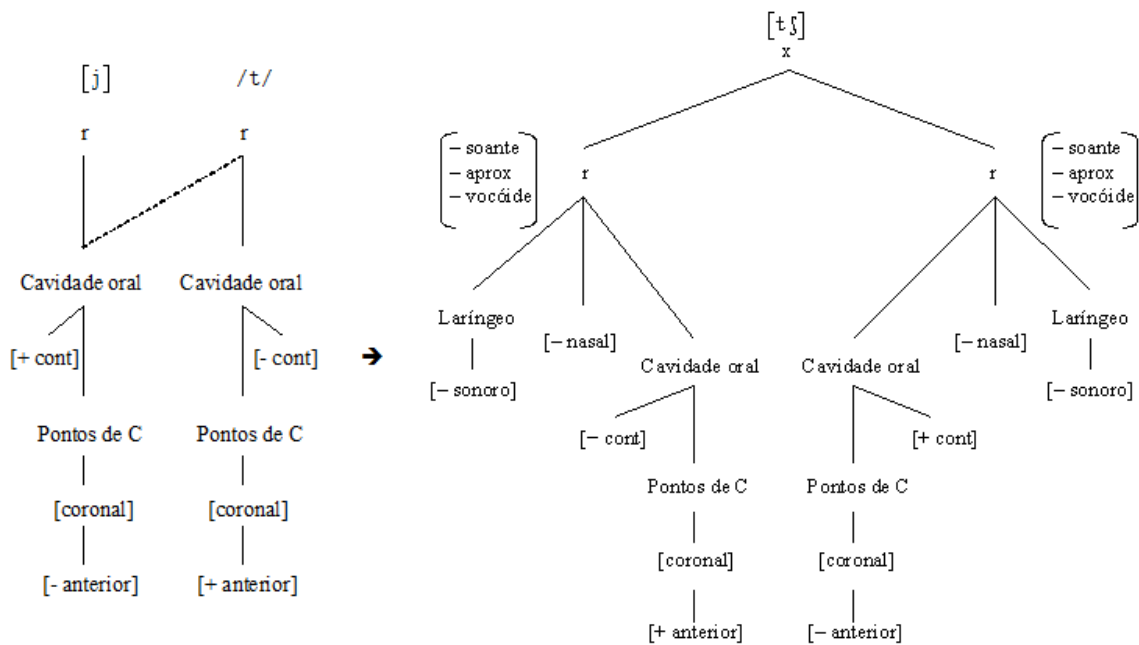


Diagrama 4.14: Processo de africacão do /t/ depois de [j].

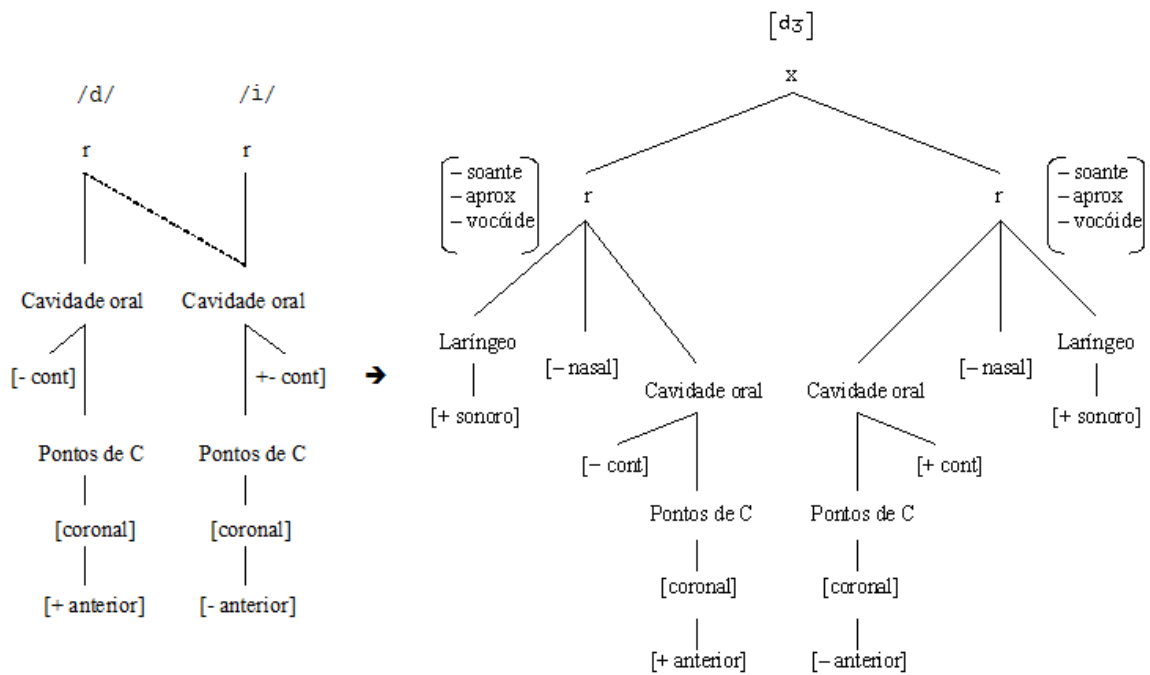


Diagrama 4.15: Processo de africacão do /d/ antes de /i/.

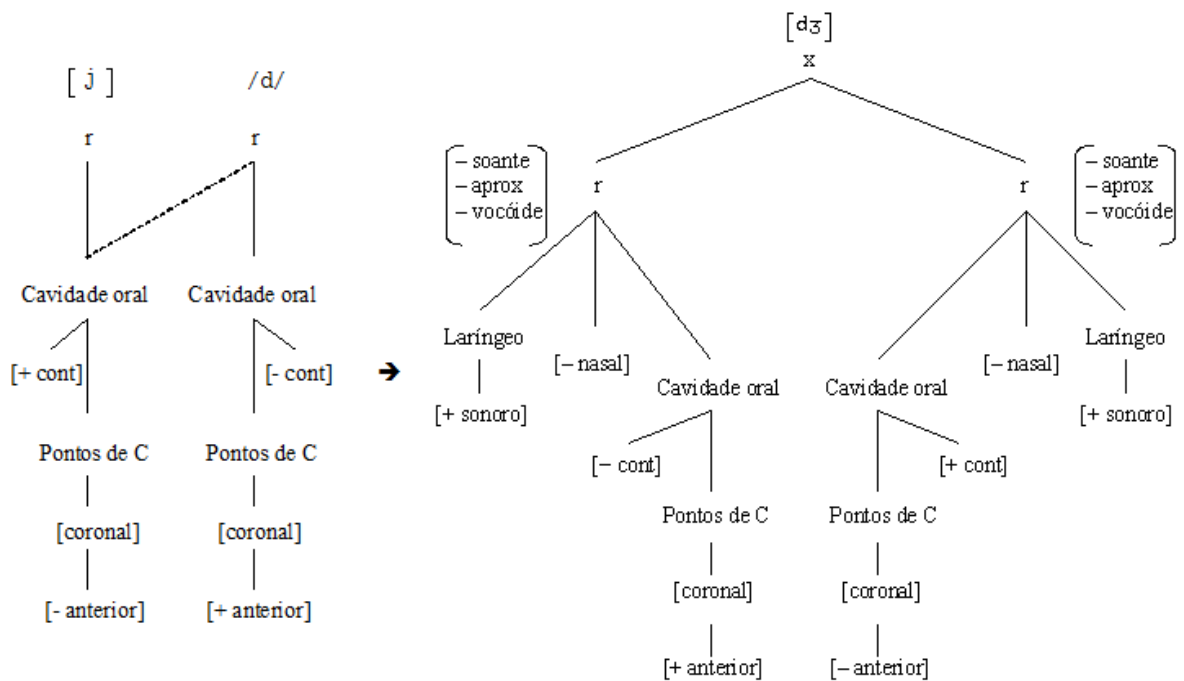


Diagrama 4.16: Processo de Africacão do /d/ depois /j/.

Exemplos desses processos podem ser ilustrados pelas pronúncias das palavras do corpus *notebooks* ([,notʃi'bukis] – informante 5), *byte* (['ba.jtʃi] – informante 1) e *download* ([daw'lodʒi] – informante 1).

4.2 Interferência quanto ao padrão silábico

Quanto ao padrão silábico, pelo fato de o Português não permitir a ocorrência de oclusivas e fricativas labiais na posição de coda, como ocorre no Inglês, há uma tendência natural de falantes nativos do Português realizarem um processo de ressilabificação pela inserção de uma vogal epentética /i/, de forma que a consoante em posição de coda da palavra estrangeira passa a ocupar a posição de onset da nova sílaba criada pela epêntese, como visto em 1 abaixo.

1) CVC (Padrão Estrangeiro) → CV.Ci (Padrão Nativizado)

4.3 Interferência quanto ao padrão acentual

Com relação ao sistema acentual, falantes nativos do Português, ao pronunciarem palavras de origem inglesa, tendem a adaptar o padrão acentual estrangeiro ao padrão de acentuação nativo, qual seja, acentuar a última sílaba quando pesada e a penúltima quando a última for leve. No caso dos nomes do Inglês, o algoritmo de colocação do acento considera a última sílaba como extramétrica, de modo que o acento pode cair na penúltima sílaba, quando pesada, ou na antepenúltima quando a penúltima é leve. Como, no Português, a extrametricidade não é um fator categórico usado pelo algoritmo de colocação do acento, e como processos de ressilabificação são recorrentes no fenômeno de nativização do Inglês para

o Português, há a ocorrência frequente de mudança do padrão acentual de palavras do Inglês que são nativizadas pelo Português.

Tome-se, por exemplo, o caso da palavra *interface* /'intəfeɪs/, que ocorre no corpus. Esse nome do Inglês tem três sílabas. Como o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês considera a última sílaba como extramétrica, mesmo ela sendo pesada, e como a penúltima sílaba da palavra é leve, o acento cai na antepenúltima sílaba. Durante a nativização, com a inserção da vogal epentética /i/, a palavra passa a ter quatro sílabas, como se observa pela transcrição do informante 1, por exemplo: [,ĩtɛh'fejɫi]. De acordo com o padrão acentual do Português, portanto, como a última sílaba da palavra é leve, o acento cai na penúltima sílaba.

CONCLUSÃO

Diante das análises feitas, pode-se concluir que as hipóteses levantadas foram comprovadas, ou seja, de fato, o sistema fonológico do Português interfere na pronúncia de palavras nativizadas do Inglês, uma vez que os inventários fonológicos e os padrões silábico e acentual das duas línguas são diferentes. Além de o Inglês possuir alguns segmentos consonantais que não fazem parte do estoque nativo do Português e de apresentar uma variedade maior de sons vocálicos, com diferenças muito sutis entre alguns segmentos, tem também um padrão silábico diferente do padrão do Português. Em relação ao padrão acentual, embora ambas as línguas sejam sensíveis à quantidade, pelo fato de o algoritmo de colocação do acento nos nomes do Inglês considerar, de forma sistemática, a última sílaba da palavra como extramétrica, o que não ocorre no Português, e devido aos constantes processos de ressilabificação realizados por falantes nativos do Português, observa-se mudanças recorrentes na colocação do acento de palavras do Inglês que são nativizadas pelo Português. Todos estes fatores contribuíram para as adaptações nas realizações dos informantes.

Um exemplo típico do processo de nativização de palavras do Inglês incorporadas pelo Português Brasileiro pode ser observado com a palavra *internet* (quadro 3.10). Nesse caso, na pronúncia de todos os informantes, houve mudanças em relação aos segmentos, ao padrão silábico (por meio do fenômeno de ressilabificação pela inserção da vogal epentética [i]) e, conseqüentemente, ao padrão acentual.

No caso da nativização pela substituição de segmentos, observou-se que todos os informantes substituíram o [ə], um som inexistente no inventário fonológico do Português, mas bastante comum no Inglês, que ocorre em uma grande quantidade de sílabas não acentuadas em várias palavras de língua inglesa, por um som vocálico do Português

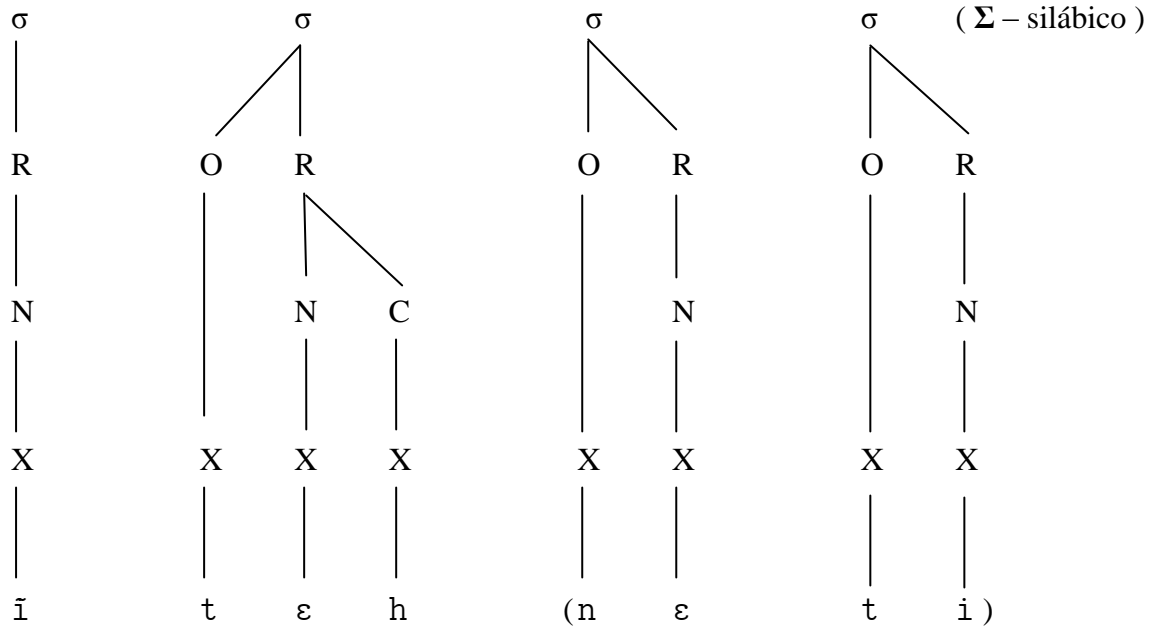


Diagrama 3: Padrão acentual do Português

Percebeu-se que, na maioria dos casos, os informantes, falantes nativos do Português, com muito, pouco ou nenhum contato com a língua inglesa, ao lerem o texto em que as palavras do corpus estavam inseridas, naturalmente tenderam a manter o padrão acentual do Português, ou seja, procuraram acentuar a última sílaba da palavra quando pesada ou a penúltima quando a última era leve.

Os casos de ressilabificação vistos comprovam que o algoritmo de colocação do acento em línguas sensíveis à quantidade, como é o caso do Inglês e do Português, depende de sua estrutura silábica. Ou seja, o acento não é um traço ligado a um determinado segmento vocálico, mas um suprasegmento que está atrelado à estrutura interna da sílaba, cujo algoritmo de colocação leva em consideração (ou não, no caso de línguas insensíveis à quantidade) o peso silábico na construção dos pés.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. & WETZELS, W. L. (Orgs.) Fonologia do Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, no. 23 (jul./dez. 1992). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, UNICAMP/IEL, 1992.
- ANDERSON, S. R. *Phonology in the Twentieth Century – Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago, The University of Chicago Press, 1985.
- ARAÚJO, G. A. de. (Org.). *O Acento em Português – Abordagens Fonológicas*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, Pontes, 1995.
- BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22. Campinas, 1992. pp. 69-80.
- BISOL, L. O acento, mais uma vez. *Letras & Letras*, n. 18 (jul./dez. 2002). Uberlândia, 2002. pp. 103 – 110.
- BITTENCOURT, A. M. The Role of the First Language in Pronunciation. *Letras*, no. 1 (Jan. 1991). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, UFSM/CAL, 1991.
- BLEVINS, J. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995. pp. 206 – 244.
- CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica*. Campinas, Edição do Autor, 1997.
- CAGLIARI, L. C. & MASSINI-CAGLIARI, G. Quantidade e Duração Silábicas em Português do Brasil. *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 14 (Ed. Especial). São Paulo, PUC, 1998.
- CALLOU, D. & LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 9 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 38 ed. Petrópolis, Vozes, 2006.
- CÂMARA JR. J. M. *Problemas de Linguística Descritiva*. 19 ed. Petrópolis, Vozes, 2002.
- CARDOSO, J. H. C. *A Nativização de Termos de Informática do Inglês no Português Brasileiro: uma Análise Fonológica*. Dissertação de Mestrado, UFAL, 2005.

- CARR, P. *English Phonetics and Phonology: An Introduction*. Oxford, Blackwell, 1999.
- CARVALHO, N. *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo, Ática, 1989.
- CHOMSKY, N. & M. HALLE. *The Sound Pattern of English*. Nova Iorque, Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995. pp. 245 – 306.
- COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. pp. 91 – 123.
- COLLISCHONN, G. A. O Acento em Português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. pp. 125 – 158.
- COLLISCHONN, G. & HORA, D. da. (Orgs.). *Teoria Linguística: Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2003.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.
- D'ANGELIS, W. da R. Sistema Fonológico do Português: Rediscutindo o Consenso. *Revista DELTA*, no. 18 (jan./jun. 2002). São Paulo, 2002. pp. 1 – 24.
- DURAN, J. *Generative and Non-Linear Phonology*. London, Longman, 1990.
- FERNANDES, P. R. C. A epêntese nas formas oral e escrita na interfonologia Português/Inglês. In: HERNANDORENA, C. L. M. (Org.). *Aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira: Aspectos Fonéticos e Fonológicos*. Pelotas, EDUCAT, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FROMKIN, V. & RODMAN, R. *Introdução à Linguagem*. 3 ed. Trad. Isabel Casanova. Coimbra, Almedina, 1993.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford, Basil Blackwell, 1990.
- GOLDSMITH, J. A. Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995. pp. 01 – 23.
- GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *Phonological Theory – The Essential Readings*. Oxford, Blackwell, 1999.
- GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995.

GUSSENHOVEN, C. & BROEDERS, A. *English Pronunciation for Student Teachers*. Amsterdam, Wolters-Noordhoff, 1997.

GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. *Understanding Phonology*. London, Arnold, 1998.

HAYES, B. Extrametricality and English Stress. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Phonological Theory – The Essential Readings*. Oxford, Blackwell, 1999. pp. 415 – 425.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory – Principles and Case Studies*. Chicago, University of Chicago Press, 1995.

HALLE, M. & CLEMENTS, G. N. *Problem Book in Phonology: A Workbook for Introductory Courses in Linguistics and in Modern Phonology*. Massachusetts, Bradford Books, 1983.

HERNANDORENA, C. L. M. (Org.). *Aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira: Aspectos Fonéticos e Fonológicos*. Pelotas, EDUCAT, 2001.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. pp. 11 – 89.

HYMAN, L. M. *Phonology – Theory and Analysis*. New York, Holt, Rineheart and Winston Press, 1975.

JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.

KAGAR, R. The Metrical Theory of Word Stress. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995. pp. 367 – 402.

KATAMBA, F. *An Introduction to Phonology*. London, Longman, 1989.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford, Blackwell, 1994.

KEYS, K. J. Interlanguage: Phonology Theoretical Questions and Empirical Data. *Linguagem e Ensino*, vol. 5, no. 1 (2002). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

LASS, R. *Phonology – An Introduction to Basic Concepts*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

LIBERMAN, M. & PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Phonological Theory – The Essential Readings*. Oxford, Blackwell, 1999. pp. 392 404.

LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1975.

MCMAHON, A. *An Introduction to English Phonology*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2002.

OXFORD. Oxford Escolar – *Dicionário para Estudantes Brasileiros de Inglês*. Oxford, Oxford University Press, 1999.

OXFORD. *Wordpower – Dictionary for Learners of English*. Oxford, Oxford University Press, 2000.

PRINCE, A. S. Relating to the Grid. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Phonological Theory – The Essential Readings*. Oxford, Blackwell, 1999. pp. 405 – 414.

ROACH, P. *English Phonetics and Phonology – A Practical Course*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.

ROCCA, I. & JOHNSON, W. *A Course in Phonology*. Cambridge, Blackwell, 1999.

SAPIR, E. *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1975.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1972.

SCHUTZ, R. *English Made in Brazil*. <<http://www.sk.com.br/sk-pron.html>>. Online. 25 de julho de 2002.

SELKIRK, E. O. The Syllable. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Phonological Theory – The Essential Readings*. Oxford, Blackwell, 1999.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2003.

SPENCER, A. *Phonology*. Massachusetts, Blackwell, 1996.

TOLEDO, D. (Org.). *Círculo Linguístico de Praga: Estruturalismo e Semiologia*. Porto Alegre, Globo, 1978.

APÊNDICE

Texto - Corpus

Com o avanço da eletrônica na segunda metade do século passado e o conseqüente surgimento do *chip*, o *byte* (conjunto de oito *bits*) passou a ser a unidade de informação mais importante no mundo pós-industrial da informação digital.

Com o advento da *internet*, surgiram novos serviços inerentes ao mundo moderno, como, por exemplo, o *e-mail*, o *site* de buscas, o *chat* de bate papo, o *game on-line* e a navegação em *homepage* por meio de algum tipo de *browser*. Com apenas um *click* num determinado *link*, pode-se facilmente fazer o *download* de qualquer arquivo que esteja disponível na *web*.

No entanto, esse avanço tecnológico trouxe também vários problemas relacionados à segurança da transmissão digital dos dados, sendo necessária a utilização de um antivírus e um *firewall*, formado por um *software* e um *hardware* específicos, para a proteção contra uma possível invasão *hacker* ou algum vírus do tipo *bugbear*, alastrado por e-mail.

A *Microsoft*, que inicialmente dominou o mundo dos softwares, através de seu sistema operacional *Windows* e seu pacote de serviços *Office*, que inclui os aplicativos *Word*, *Excel* e *Outlook*, entre outros, tem perdido espaço ultimamente para sistemas operacionais livres, como o *Linux* e o *Unix*, a despeito de uma *interface* menos atrativa desses últimos.

Com o barateamento do custo das conexões, apareceram os cybercafés, que podem oferecer vários serviços *default* ao cliente, implementados via *wireless networks*, como o acesso a *print Server*, banco de dados *Oracle* e compactação de arquivos com o *winzip*, por exemplo, além da utilização de microcomputadores ou *notebooks*, que utilizam normalmente o processador *Pentium*, para realizar vídeo conferências.

- Transcrição Fonêmica Padrão

Bits	/bɪts/	‘dígitos binários’
Browser	/'braʊzə/	‘pesquisador de banco de dados’
Bugbear	/'bʌg, beə/	‘falha’
Byte	/baɪt/	‘conjunto de oito bits’
Chat	/tʃæt/	‘sala de bate-papo’
Chip	/tʃɪp/	‘circuito integrado’
Click	/klɪk/	‘pressão de uma tecla ou botão’
Default	/dɪ'fɔ:lt/	‘valor padrão’
Download	/,daʊn'leʊd/	‘carregar’
E-Mail	/'i:mɛɪl/	‘correio eletrônico’
Excel	/ɪk'sel/	‘editor de planilha’
Firewall	/'faɪə,wɔ:l/	‘sistemas de segurança de rede’
Game	/geɪm/	‘jogo’
Hacker	/'hækə/	‘expert viciado em computadores’
Hardware	/'hɑ:dweə/	‘unidades físicas que compõem o computador’
Homepage	/'həʊm,peɪdʒ/	‘página principal de um site na internet’
Interface	/'ɪntəfeɪs/	‘dispositivo de conexão entre periféricos’
Internet	/'ɪntənɛt/	‘rede mundial de computadores’
Link	/lɪŋk/	‘ligação’

Linux	/ 'lɪnʊks/	‘sistema operacional livre’
Microsoft	/ 'maɪkrə ,sɒft/	‘empresa de softwares’
Networks	/ 'net ,wɜ:kz/	‘redes’
Notebook	/ 'nəʊt ,bʊk/	‘microcomputador portátil’
Office	/ 'ɒfɪs/	‘conjunto de aplicativos’
On-Line	/ɒn 'laɪn/	‘conectado’
Oracle	/ 'ɔ:rəkl/	‘gerenciador de banco de dados’
Outlook	/ 'aʊt ,lʊk/	‘programa de correio eletrônico’
Pentium	/ 'pentɪʊm/	‘tipo de microprocessador’
Print	/prɪnt/	‘imprimir’
Server	/ 'sɜ:və/	‘servidor’
Site	/saɪt/	‘página da internet’
Software	/ 'sɒft ,weə/	‘programa de instrução do hardware’
Unix	/ 'jʊnɪks/	‘tipo de sistema operacional’
Web	/web/	‘área da net com documentos em hipermídia’
Winzip	/ 'wɪnzɪp/	‘compactador e descompactador de arquivos’
Windows	/ 'wɪndəʊs/	‘sistema operacional’
Wireless	/ 'waɪələs/	‘tipo de sistema de comunicação’
Word	/wɜ:d/	‘editor de textos’

- Transcrição Fonética do Informante 1 (Sexo Masculino – 2º Grau)

Bits	['bitis]
Browser	['brawzɛ]
Bugbear	[,bugi 'biɾ]
Byte	['bajtʃi]
Chat	['ʃɛtʃi]
Chip	['tʃipi]
Click	['klikɪ]
Default	[de 'fo:ti]
Download	[daw 'lodʒi]
E-Mail	[i 'meju]
Excel	[ɛki 'sɛw]
Firewall	[,fajri 'wɔw]
Game	['gejmi]
Hacker	['hɛkisu]
Hardware	['hadɔw, ɛri]
Homepage	[,hõmi 'pejʒi]
Interface	[,ĩtɛh 'fejsi]
Internet	[,ĩtɛr 'nɛti]
Link	['lĩki]

Linux	['linukis]
Microsoft	[,mikro'sofitʃi]
Networks	[,neti'worki]
Notebooks	[,noti'bukis]
Office	[o'fajsi]
On-Line	[ō'lajni]
Oracle	[o'rakows]
Outlook	[,oti'luki]
Pentium	['pētjū]
Print	['priti]
Server	['sɛhvisi]
Site	['sajtʃi]
Software	['sofitiw,ɛɾ]
Unix	['unikis]
Web	['wɛbi]
Windows	['wīdows]
Winzip	[wī'zapi]
Wireless	[,wajri'lɛsi]
Word	['wɔɾdi]

- Transcrição Fonética do Informante 2 (Sexo Masculino – 2º Grau)

Bits	['bitis]
Browser	['brawzɛh]
Bugbear	[bigi 'bē]
Byte	['bajti]
Chat	['ʃɛti]
Chip	['ʃipi]
Click	['kliki]
Default	[di 'fo:ti]
Download	[daw 'lowdi]
E-Mail	[e 'meju]
Excel	[ɛki 'sɛw]
Firewall	[,fajri 'wej]
Game	['gejmi]
Hacker	['haki]
Hardware	[,hahdi 'wɛh]
Homepage	[,hõmi 'pejzi]
Interface	[,ĩtɛh 'fasi]
Internet	[,ĩtɛh 'nɛti]
Link	['lĩki]

Linux	['līnukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sɔfɪti]
Networks	[,nɛti'wawkis]
Notebooks	[,nɔti'bukis]
Office	['ɔfisi]
On-Line	[ɔ'lajni]
Oracle	[o'rejkli]
Outlook	[,awti'luki]
Pentium	['pɛtjũ]
Print	['prɪti]
Server	['sɛhvri]
Site	['sajti]
Software	[,sɔfɪti'wɛh]
Unix	['ũnikis]
Web	['wɛbi]
Windows	['wɪdɔws]
Winzip	[wɪ'zipi]
Wireless	['wajhɪlɪs]
Word	['wɔhdi]

- Transcrição Fonética do Informante 3 (Sexo Masculino – 3º Grau)

Bits	['bitis]
Browser	['brõzweh]
Bugbear	[,bugi 'biε]
Byte	['bajti]
Chat	['ʃεti]
Chip	['ʃipi]
Click	['kliki]
Default	[de 'fu:]
Download	[dāw 'lodi]
E-Mail	[e 'meju]
Excel	[εki 'sεw]
Firewall	[,fajri 'wɔw]
Game	['gejmi]
Hacker	['hake]
Hardware	['hahdweɾ]
Homepage	[,hõmi 'pejʒis]
Interface	[,ĩtεh 'fejsi]
Internet	[,ĩtεh 'nεti]
Link	['lĩki]

Linux	[li'nukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sɔfiti]
Networks	[,nɛti'worki]
Notebooks	[,nɔti'bukis]
Office	['ɔfisi]
On-Line	[ɔ'lajni]
Oracle	[o'rejkow]
Outlook	[,awti'luki]
Pentium	['pɛtjũ]
Print	['prɪti]
Server	['sɛhvɛ]
Site	['sajti]
Software	['sɔfi,twɛr]
Unix	[u'nikis]
Web	['wɛbi]
Windows	['wɪdɔws]
Winzip	[wɪ'zipi]
Wireless	['wajri,lɛsi]
Word	['wɔhdi]

- Transcrição Fonética do Informante 4 (Sexo Masculino – 3º Grau)

Bits	['bitis]
Browser	['browsɛh]
Bugbear	[,bugi 'bie]
Byte	['bajtɪ]
Chat	['ʃɛti]
Chip	['ʃipi]
Click	['klikɪ]
Default	[de 'fawti]
Download	[daŋ 'lodi]
E-Mail	[i 'meju]
Excel	[ɛki 'sɛw]
Firewall	[,fajri 'wej]
Game	['gejmi]
Hacker	['hakɛh]
Hardware	['hahdwɛr]
Homepage	[,hõmi 'pejzi]
Interface	[,ĩtɛh 'fejsi]
Internet	[,ĩtɛh 'nɛti]
Link	['lĩki]

Linux	['līnukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sɔfɪti]
Networks	[,nɛti'wɔrkɪs]
Notebooks	[,nɔti'bukɪs]
Office	['ɔfɪsi]
On-Line	[ɔ'lajni]
Oracle	[o'rakli]
Outlook	[,awtu'luki]
Pentium	['pɛtjũ]
Print	['prɪti]
Server	['sɛhvɛh]
Site	['sajti]
Software	['sɔfi,twɛr]
Unix	[wɪ'nikɪs]
Web	['wɛbi]
Windows	['wɪdɔws]
Winzip	[wɪ'zipi]
Wireless	[,wajri'lɛsi]
Word	['wɔhdi]

- Transcrição Fonética do Informante 5 (Sexo Feminino – 2º Grau)

Bits	['bitis]
Browser	['blawzi]
Bugbear	[,bugi 'bia]
Byte	['bajti]
Chat	['ʃati]
Chip	['ʃipi]
Click	['kliki]
Default	[de 'fawtʃi]
Download	[do 'awdi]
E-Mail	[ē 'meju]
Excel	[ɛki 'sɛw]
Firewall	[firɛ 'ow]
Game	['gejmi]
Hacker	['haki]
Hardware	[ha 'dwɛ:]
Homepage	[,hõmi 'peʒi]
Interface	[,ĩtɛh 'fasi]
Internet	[,ĩtɛh 'nɛti]
Link	['lĩki]

Linux	[li'nukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sɔfitʃi]
Networks	[,nɛti'wɔkɪs]
Notebooks	[,notʃi'bukɪs]
Office	['ɔfisi]
On-Line	[ɔ'lajni]
Oracle	[ɔ'rakli]
Outlook	[,ɔtʃi'luki]
Pentium	['pɛtju]
Print	['prɪti]
Server	['sɛwvɪs]
Site	['sajti]
Software	[,sɔfi'twɛ:]
Unix	[u'nikɪs]
Web	['wɛbi]
Windows	['wɪdɔws]
Winzip	[wi'zipi]
Wireless	[wi'rɛlɪs]
Word	['wɔhdi]

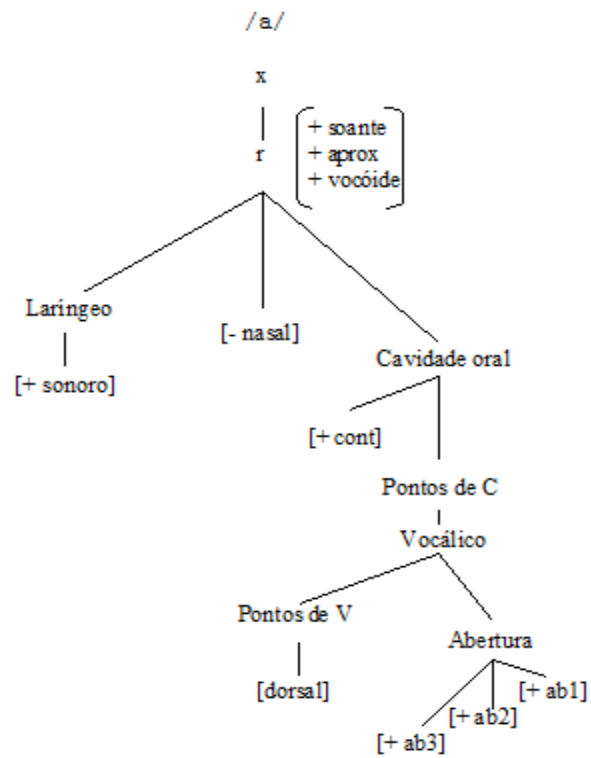
- Transcrição Fonética do Informante 6 (Sexo Feminino – 3º Grau)

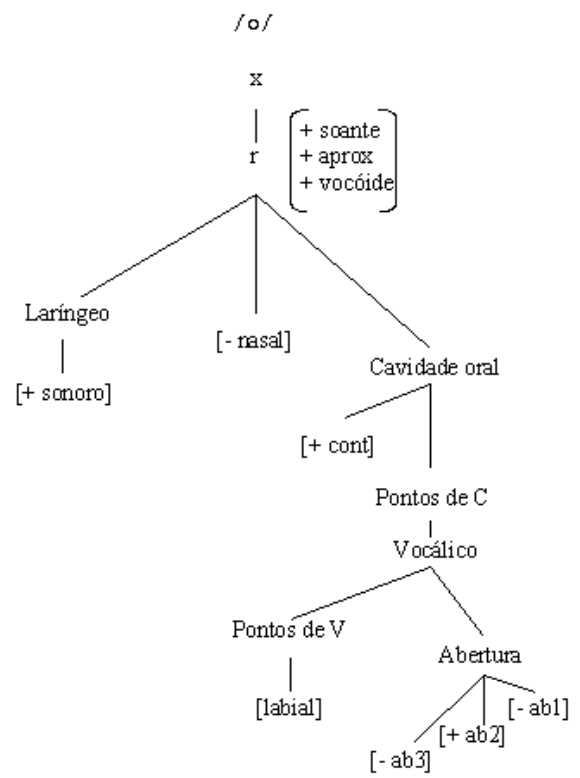
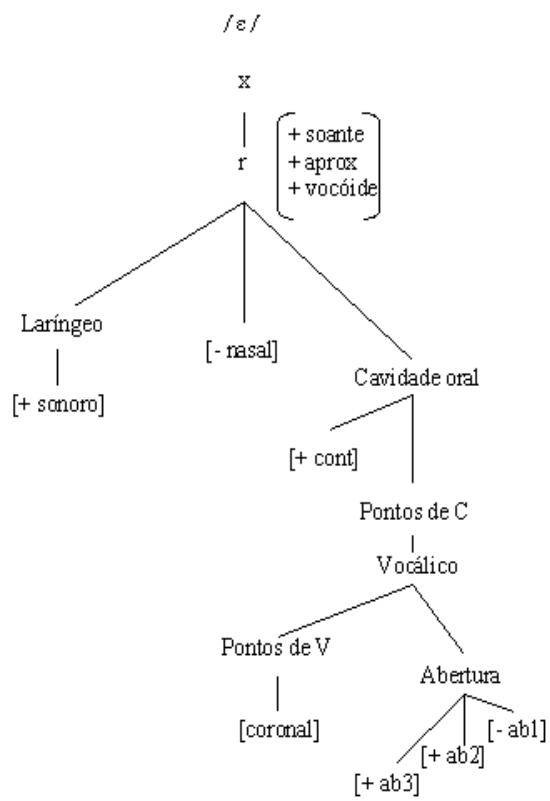
Bits	['bitʃis]
Browser	['brawzɛh]
Bugbear	[,bugi 'biɛh]
Byte	['bajtɪ]
Chat	['ʃati]
Chip	['ʃipi]
Click	['klikɪ]
Default	[de 'fow]
Download	[daŋ 'lodi]
E-Mail	[e 'meju]
Excel	[ɛki 'sɛw]
Firewall	[,fajri 'wɔw]
Game	['gejmi]
Hacker	['hakɛh]
Hardware	['hahdere]
Homepage	[,hõmi 'pejzi]
Interface	[,ĩtɛh 'fasi]
Internet	[,ĩtɛh 'nɛti]
Link	['lĩki]

Linux	['līnukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sɔfiti]
Networks	[,nɛti'wɔɾkis]
Notebooks	[,nɔti'bukis]
Office	['ɔfisi]
On-Line	[ɔ'lajni]
Oracle	[ɔ'rakli]
Outlook	[,awti'luki]
Pentium	['pɛtjū]
Print	['prīti]
Server	['sɛvɛɾ]
Site	['sajti]
Software	['sɔfitere]
Unix	[ũ'nikis]
Web	['wɛbi]
Windows	['wīdɔws]
Winzip	[wī'zipi]
Wireless	['wajri,lɛsi]
Word	['wɔhdi]

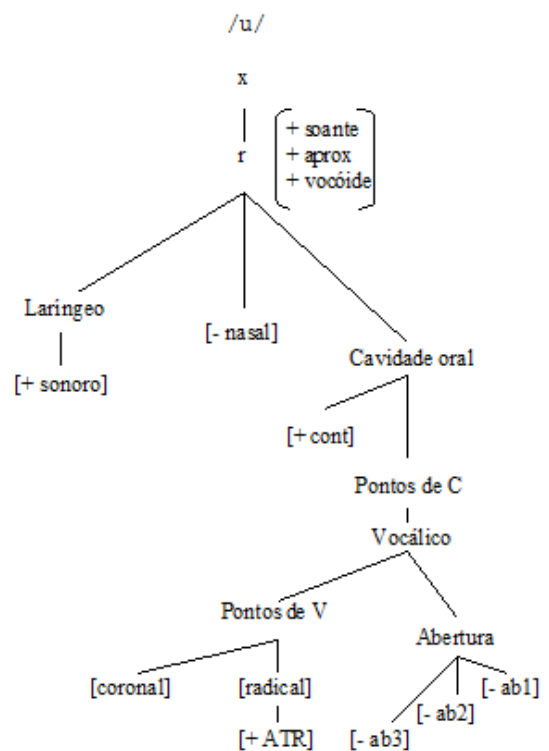
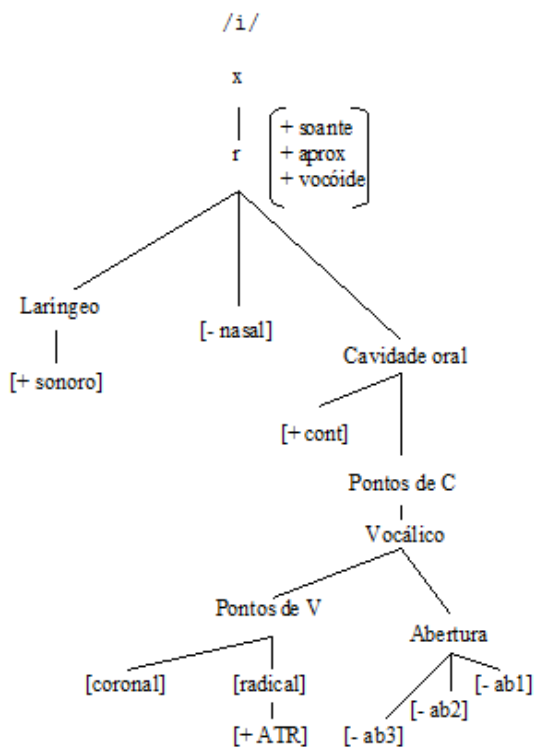
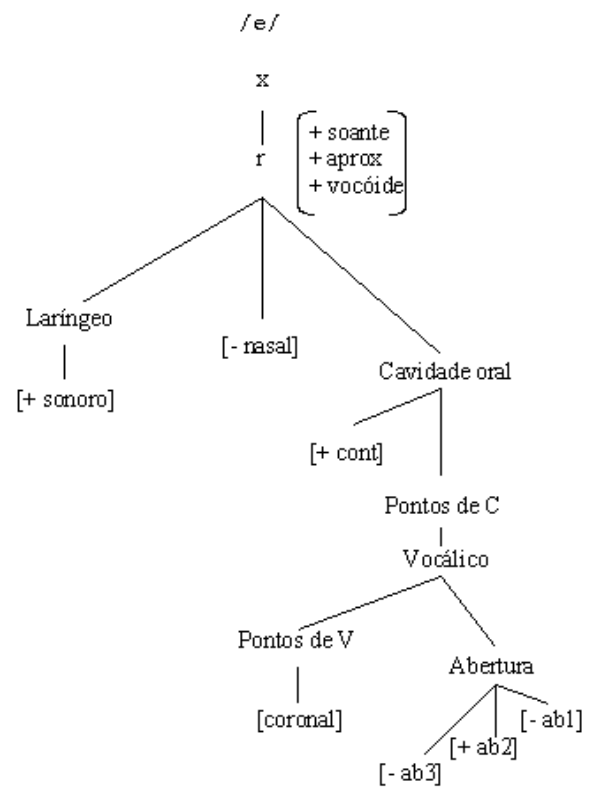
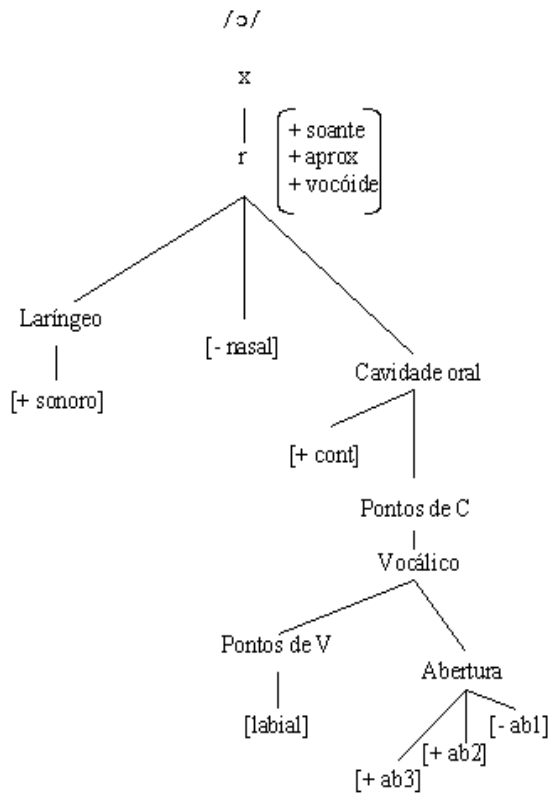
DIAGRAMAS ARBÓREOS DOS SEGMENTOS DAS DUAS LÍNGUAS

Vocóides Exclusivos do Português

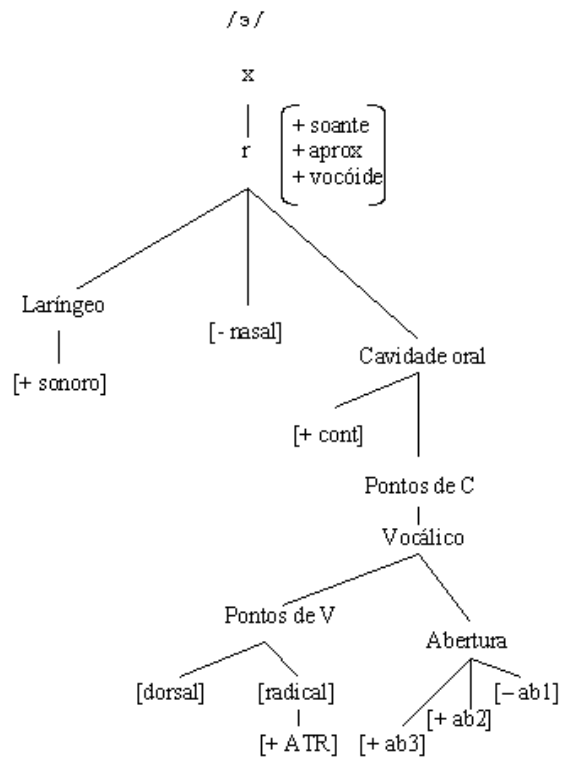
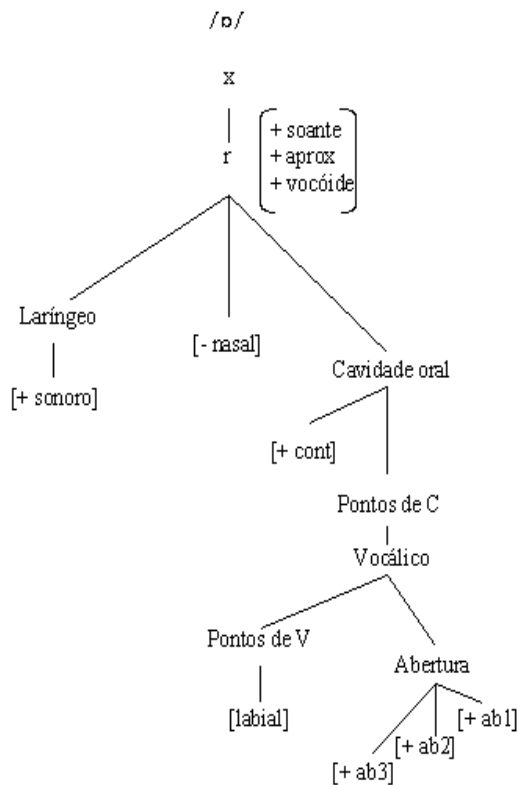
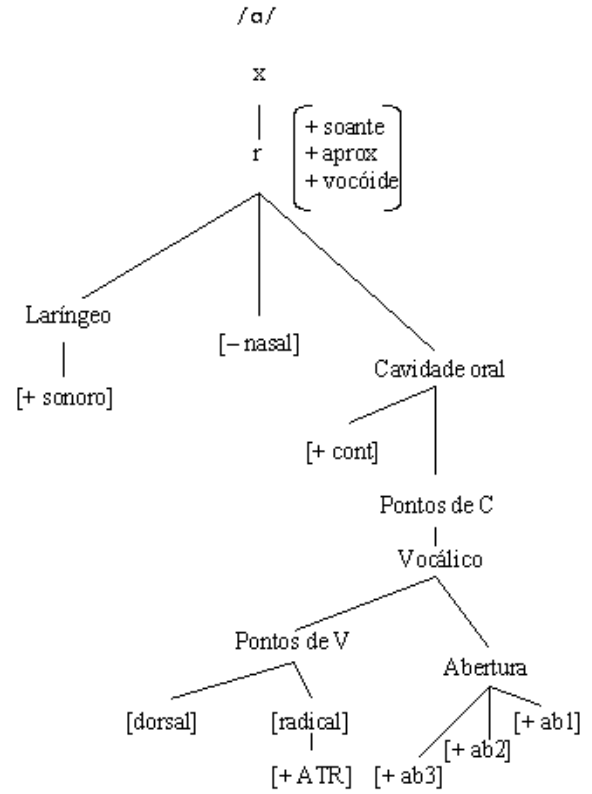
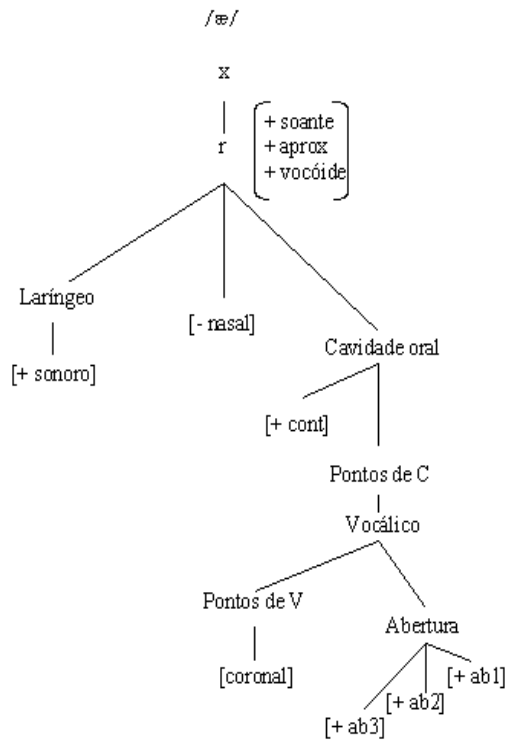


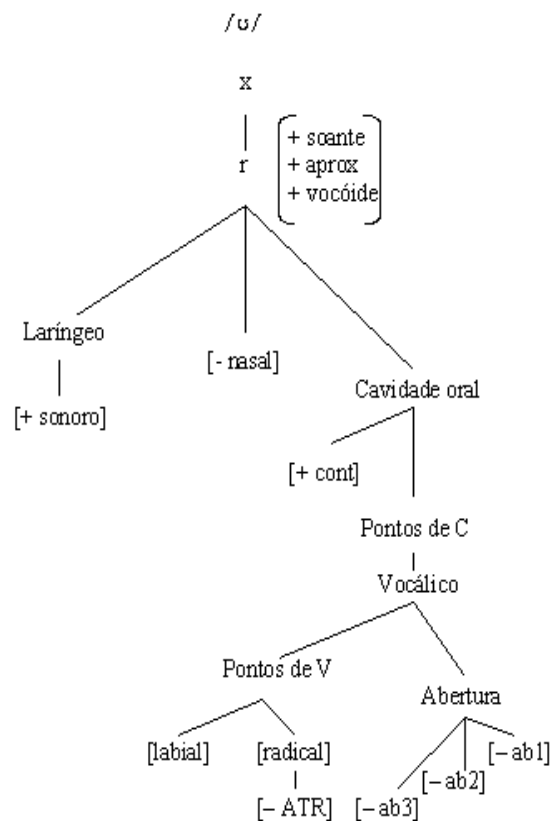
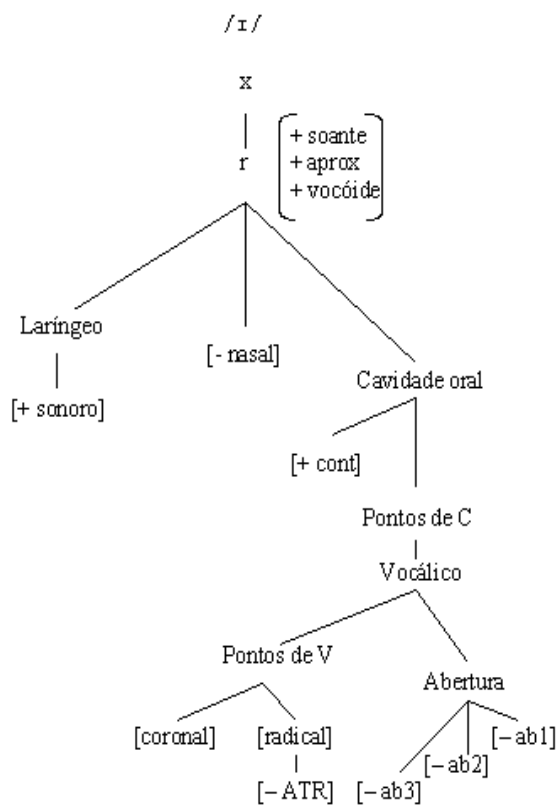
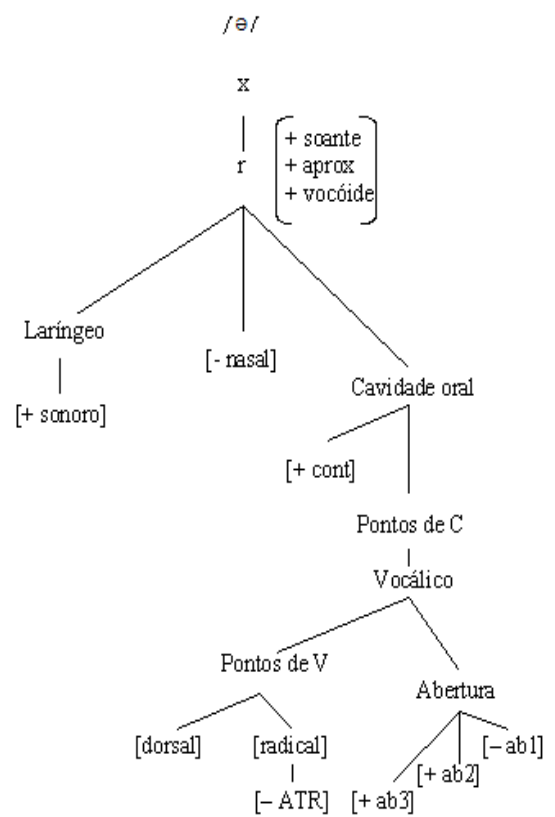
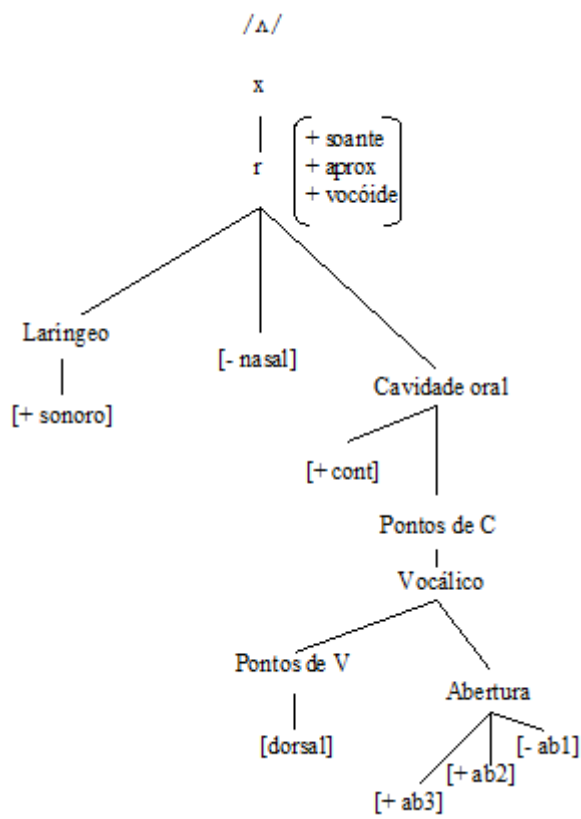


Vocóides Comuns às Duas Línguas

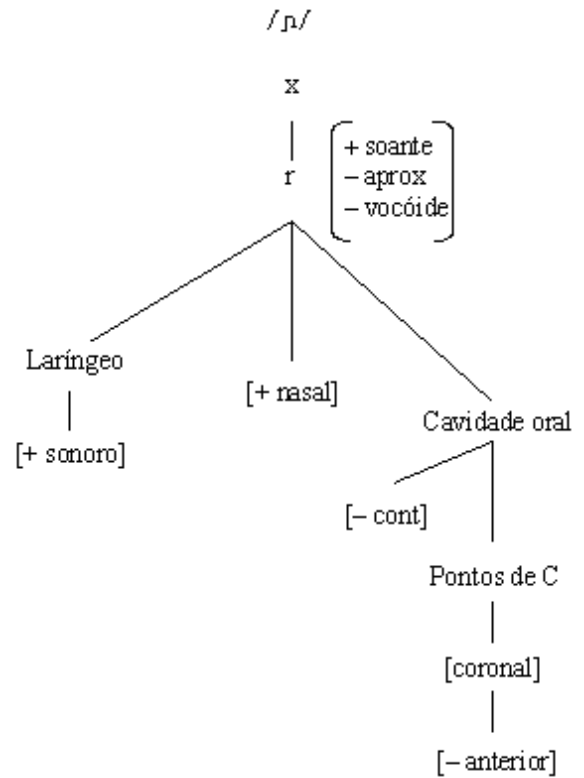
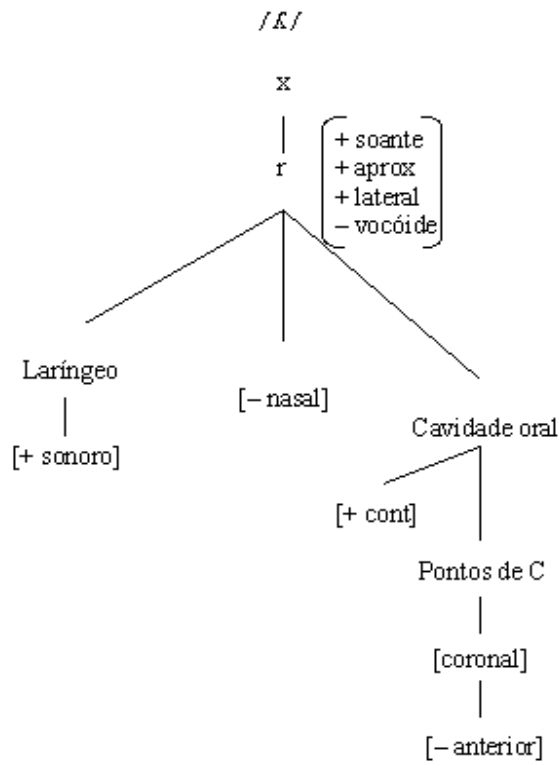
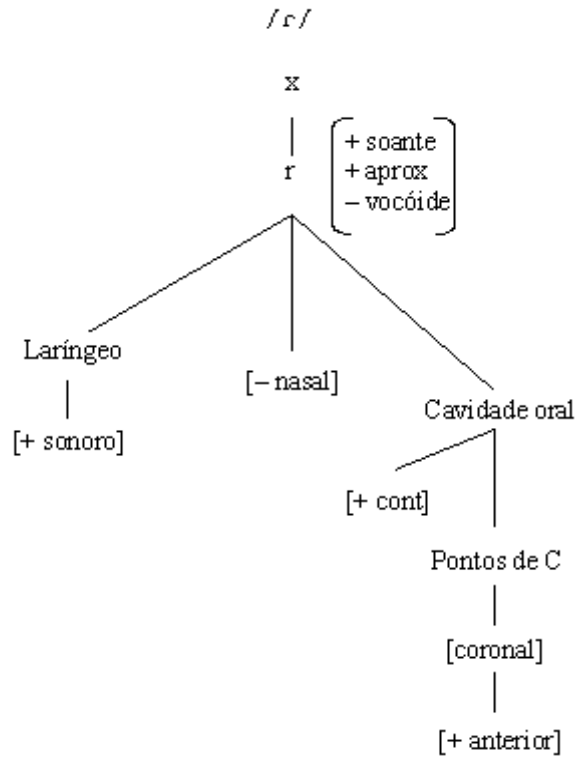


Vocóides Exclusivos do Inglês

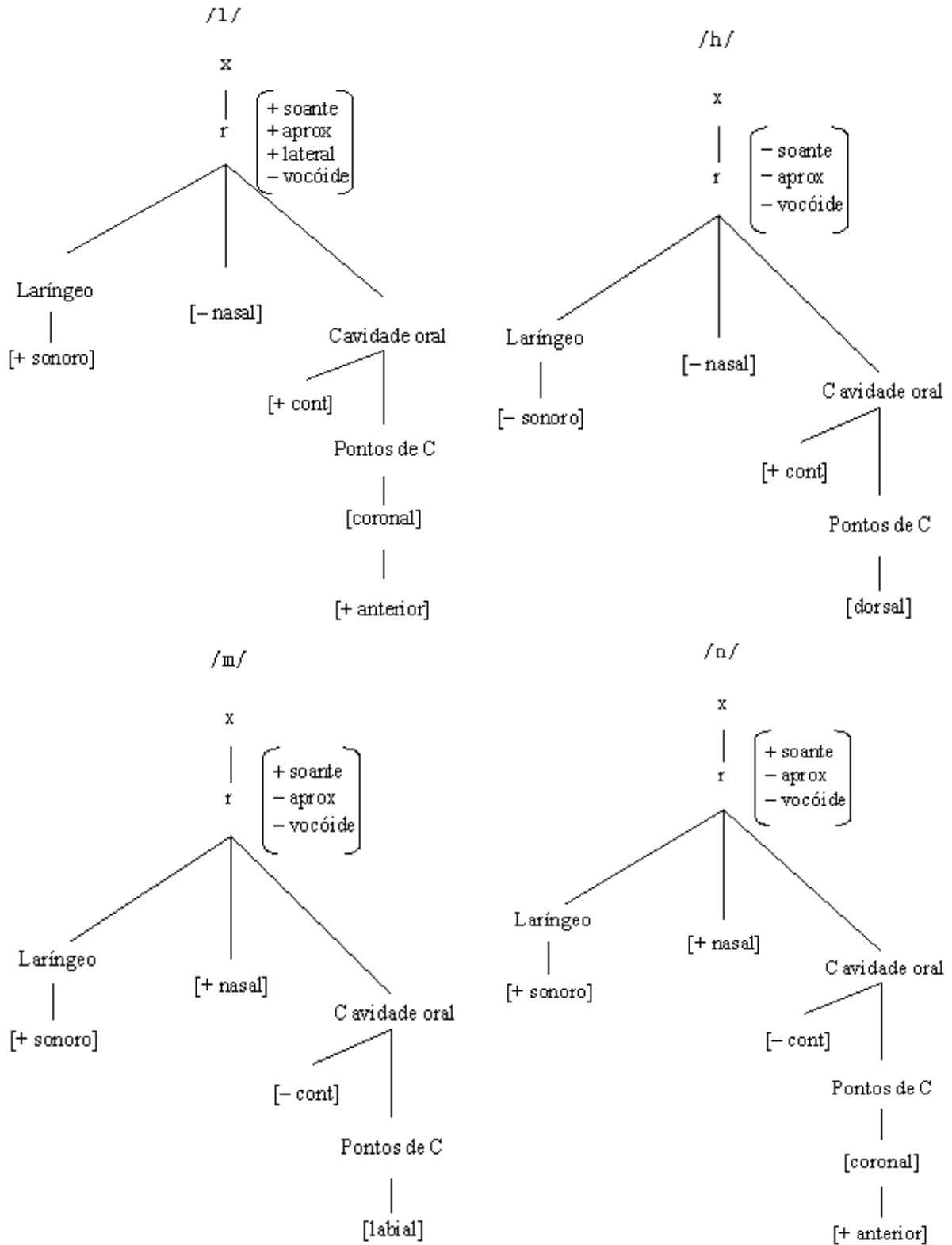


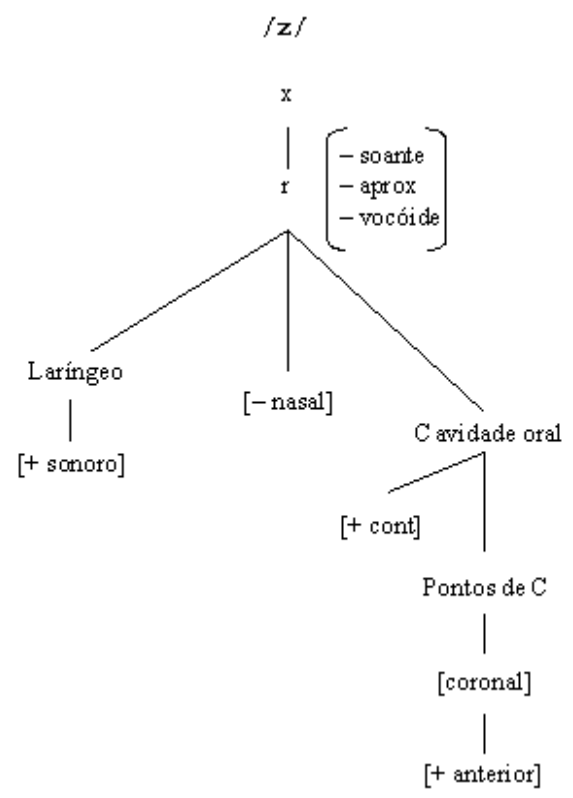
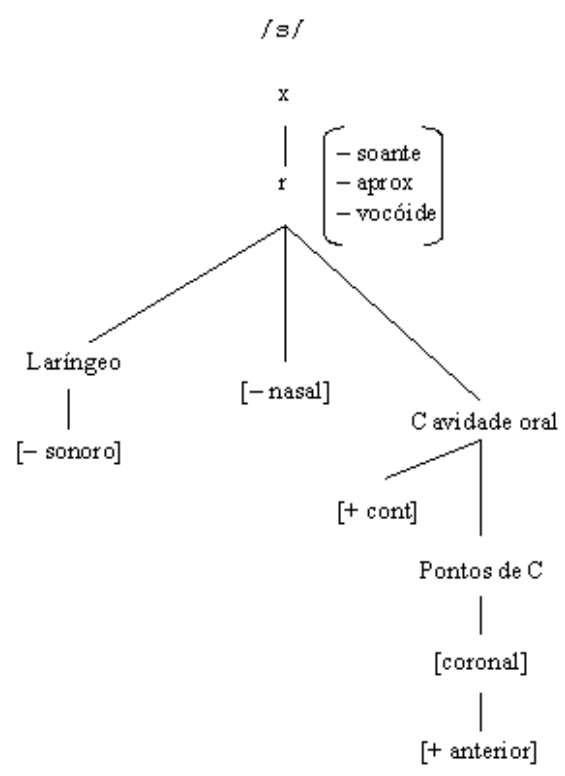
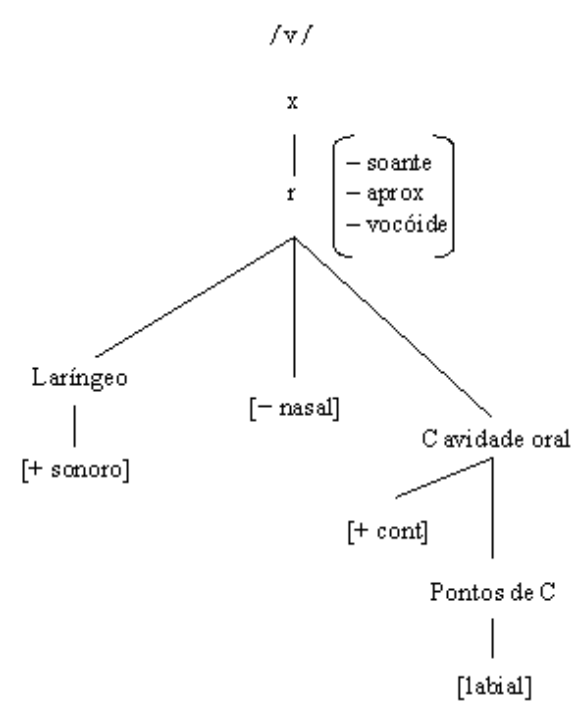
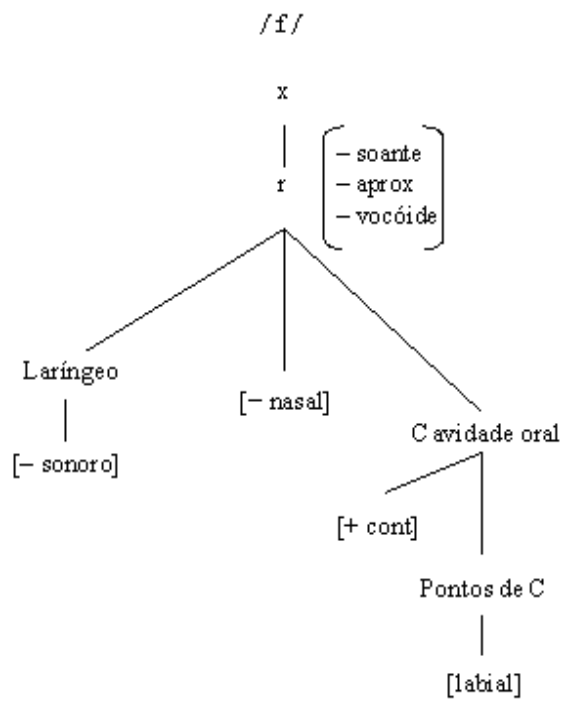


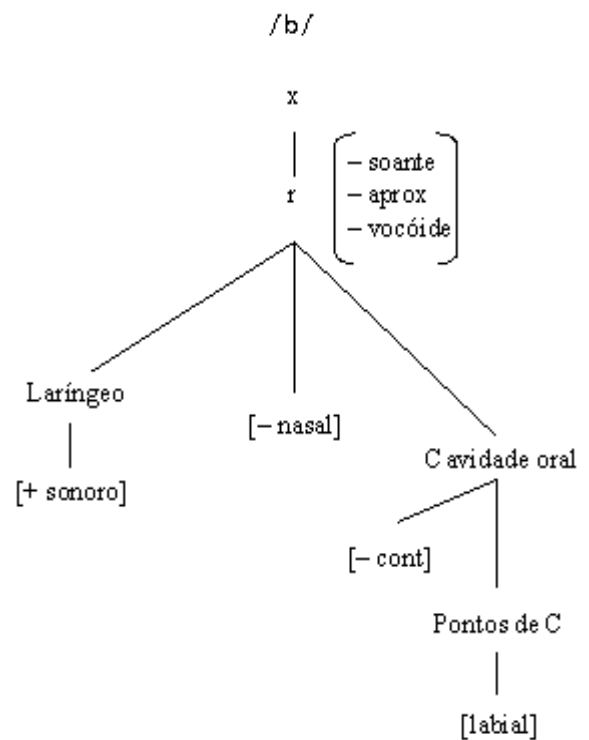
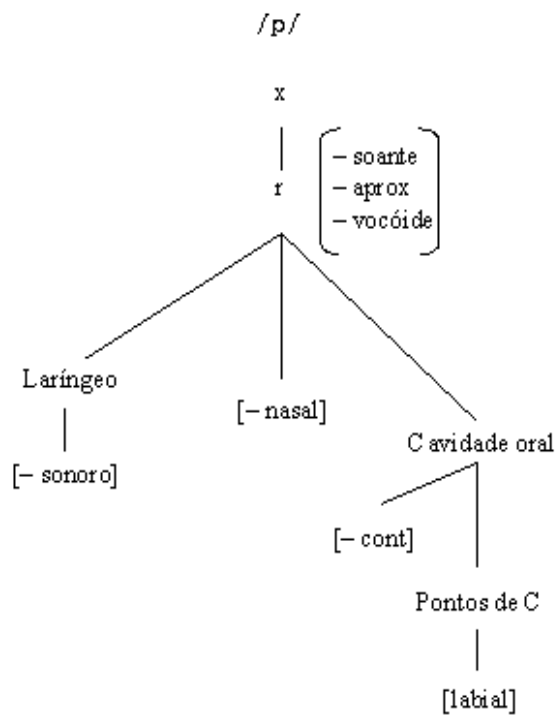
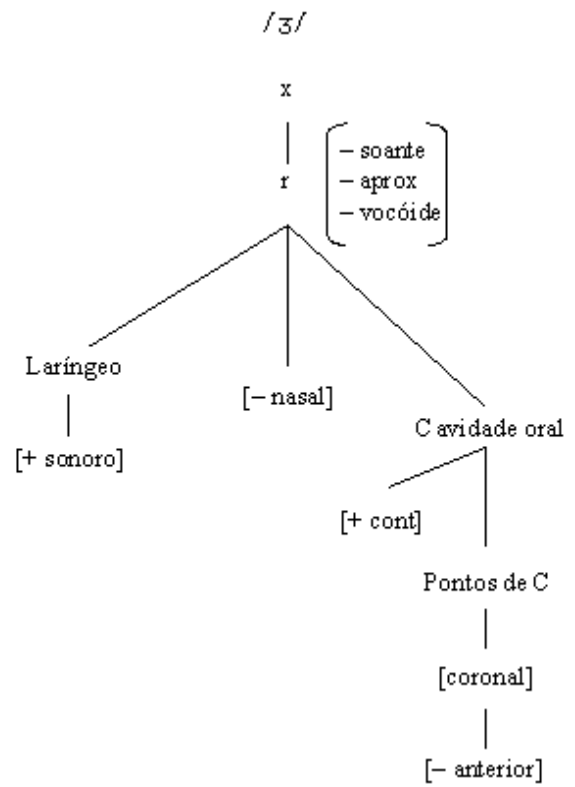
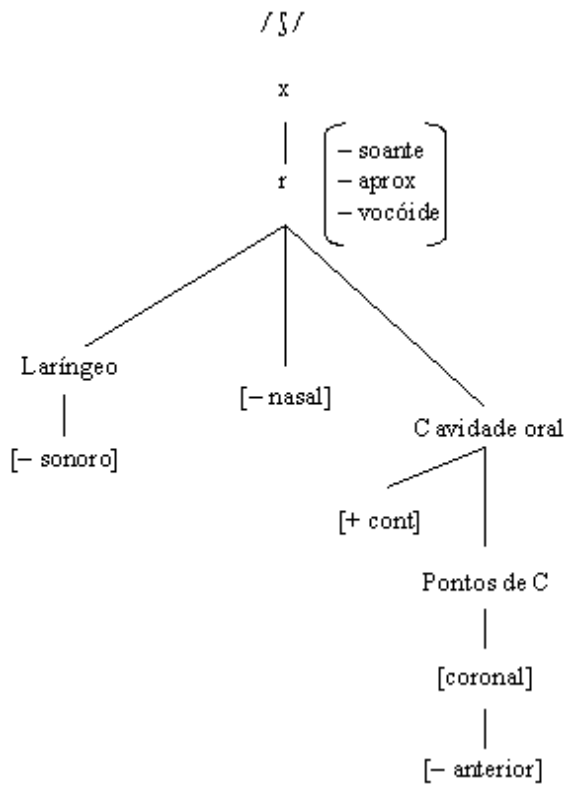
Consoantes Exclusivas do Português

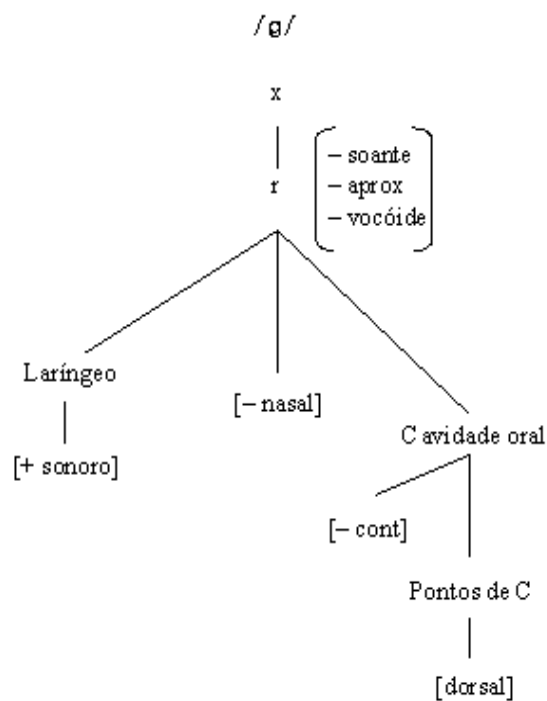
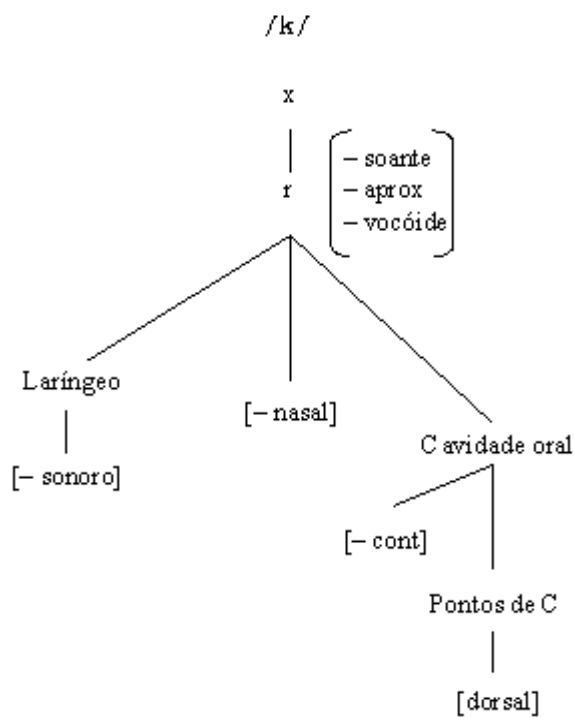
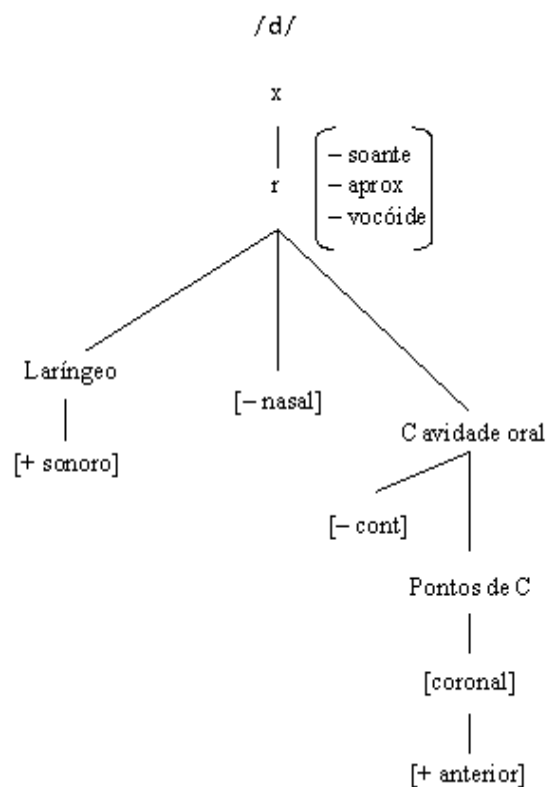
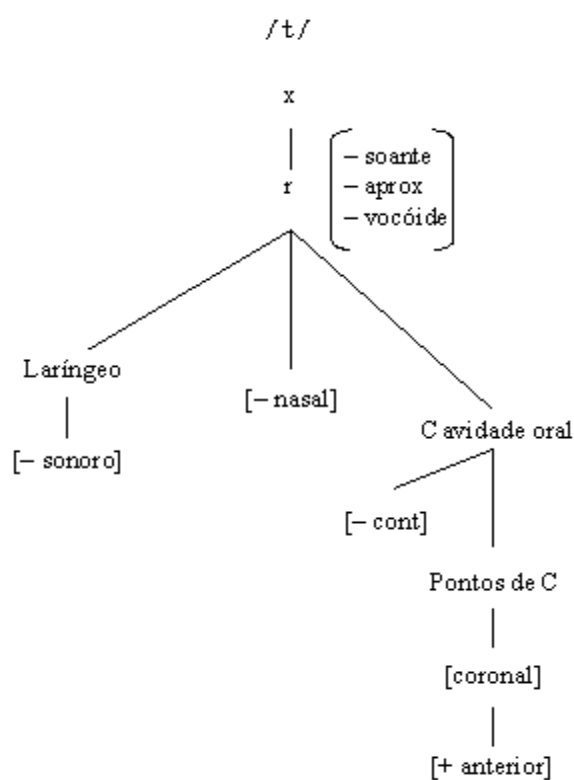


Consoantes Comuns às Duas Línguas









Consoantes Exclusivas do Inglês

